



Instituto de Ciências Humanas – IH
Departamento de Serviço Social – SER

Maria Helena Ximenis Chaves dos Santos

**Bola quadrada: O futebol como um espaço de exclusão para mulheres segundo a
mídia impressa**

Setembro/2015

Maria Helena Ximenis Chaves dos Santos

Bola quadrada: O futebol como um espaço de exclusão para mulheres segundo a mídia impressa

Trabalho de Conclusão de Curso elaborado por Maria Helena Ximenis Chaves dos Santos – Mat: 10/0017029, sob a orientação acadêmica da Prof.^a Lívia Barbosa apresentado ao Departamento de Serviço Social com requisito parcial para conclusão do curso.

Dedico esse trabalho ao meu pai, João Luiz dos Santos Neto, que partiu para gramados mais verdes pouco antes que esse trabalho pudesse ser concluído, dedico a esse grande guerreiro por tudo que foi e me ensinou, e porque essa paixão pelo futebol, apesar de torcermos para times rivais, é hereditária. Este trabalho é pelo e para o senhor. Dedico também a duas grandes mulheres que também já nos deixaram: A minha tia Francisca Regina Ximendes Chaves, que me inspirou com sua determinação e por sua confiança em mim, em sua memória me formarei pela Universidade de Brasília. A minha tia Maria do Socorro Xavier dos Santos, que me mostrou como era possível superar dificuldades e encheu minha vida de filmes e música, me dando dois belos mundos no que sou eternamente grata.

Agradecimento

Primeiramente gostaria de agradecer a meus pais, João Luiz dos Santos e Edileuza Ximenis, que foram os grandes patrocinadores da minha vida. Ao papai, por sempre se orgulhar das minhas conquistas, pela criação, pelo exemplo, por me deixar mostrar que futebol também é coisa de menina e principalmente pelo amor. A mamãe por sempre acreditar nos meus sonhos e por sempre acreditar que eu era capaz mesmo quando eu duvidava, por encher nossa casa de filmes e livros, por me dar a primeira sapatilha de ballet, a primeira chuteira e tudo entre os dois, enfim por tudo que sou hoje.

Agradeço a toda a minha família, mas em especial meu tio Wilton Ximendes que teve grande importância para este trabalho já que me deu meu primeiro uniforme escolar e a primeira camiseta do Flamengo, sendo assim o responsável pela minha paixão rubro negra, por isso e por tantas outras coisas eu lhe agradeço.

A todos os professores e funcionários do departamento do Serviço Social da UnB, em especial a professora Lívia Barbosa, por além de aceitar o desafio que foi me orientar, também despertou em mim, o gosto pelo curso em um momento de crise.

Ao técnico-administrativo Alexandre Pires, e demais servidores da secretaria do Departamento de Serviço Social, pelo apoio que tornaram minha graduação possível.

Agradeço aos membros da banca examinadora, Pedro Osmar Flores de Noronha Figueiredo e Prof. Valdenízia Bento Peixoto, por aceitarem o convite e se disporem a ler o trabalho com tanto carinho.

Aos Professores do Departamento de Ciência da Computação em especial aos meus chefes Professores Maria Emília Telles e André Drummond, pela compreensão, e aos professores Alba Magalhães, Aletéia Favacho, Alexandre Zagheto e Flávio Vidal, pelo constante incentivo, e alguns puxões de orelha quanto aos estudos.

Aos meus colegas de trabalho Carolina Okimoto, Lucas Taketsugu, Luís Ponçadilha, Rafael Feitosa e Stephanny Lorrane por me darem apoio e por não me deixarem enlouquecer totalmente.

Aos formandos de 2014/2, a turma de 2010 do Serviço Social noturno e a todos os amigos que fiz durante a graduação e que levo para a vida, em especial a Francisca Vieira que me acompanha desde da calourada e que a amizade só cresceu de lá para cá.

A Ana Paula Cocalle, pela amizade em todos esses anos, pelos risos, apoio, pelas lágrimas de alegria ou tristeza, por aguentar minhas loucuras e manias, por

aprender o português através do hino de Flamengo que eu insistentemente cantava, enfim por tudo que trouxe a minha vida e por sua belíssima contribuição para a capa deste trabalho.

A Arianne Miranda, por sua amizade, pelas reflexões filosóficas, pela preocupação sempre que eu ia aos estádios lotados, por obrigar o Renan Correa a me acompanhar aos jogos, enfim por todo o carinho dedicado.

A Laís Guerreiro, por dividir comigo a sua história e me ajudar a construir minha, por atrapalhar minhas contas no decorrer desse trabalho, por conseguir me arrancar um sorriso em qualquer situação, por sempre estar disposta a assistir e discutir futebol comigo, mesmo indo com a blusa do rival dentro de uma torcida organizada, ou simplesmente estar ao meu lado e principalmente por me ajudar, mesmo quando nem eu sabia que precisava de ajuda.

Ao Lucas Teixeira e Abbott Matthews por todas as discussões filosóficas, por ouvirem sobre esse trabalho, pelos comentários e principalmente pela ajuda que prestaram para a realização desse trabalho.

A Paula Laís Calixto, por ser essa amiga para todas as horas, uma excelente colega de trabalho e que como bibliotecária me deu valiosas dicas na confecção deste trabalho .

A todos os meu amigos que me ajudaram a chegar até aqui e que perdoaram todas as minhas ausências agradeço por todos os momentos que compartilhamos alegrias e tristezas.

E agradeço a todos que de alguma forma me impulsionaram para que eu chegasse até aqui.

Digam o que quiserem sobre a empolgação do esporte nessa era corporativa, onde atletas super bem pagos esperam ter tratamento de rei. Mas ainda há algo tão unificante sobre o esporte na sua forma mais pura. Quando os atletas se superam e tocam a grandeza e fazendo isso nos lembram que também temos grandeza dentro de nós.

Mark Schwahn¹

¹ SERIE DE TV. **One Tree Hill**. Estados Unidos : The CW, 2007. Programa de Tv.

Resumo

O futebol, que se mantém como um dos pilares da construção de pertencimento cultural brasileiro, permanece com concepções tradicionais sobre os papéis de gênero engendrados e a hierarquização destes. Apesar dos êxitos que as mulheres têm conseguido dentro deste esporte, sua participação é abertamente diminuída, pouco divulgada e pouco patrocinada. Diante deste contexto, esse trabalho buscou realizar um percurso de análise documental de reportagens esportivas de jornais de grande circulação dos estados do Rio de Janeiro e São Paulo veiculadas de julho de 2007 a julho de 2014. A notícia é compreendida como uma valiosa fonte de informação, e um dispositivo de construção social. Durante o levantamento de dados, foram encontradas 765 reportagens envolvendo gênero e futebol, representando apenas 1% do total de reportagens sobre esse desporto. Os principais resultados mostram que as reportagens sobre o futebol feminino são pontuais, de forma que a maioria das notícias decorre de competições internacionais que envolvem várias modalidades esportivas que são disputadas simultaneamente. Outro aspecto é o foco das notícias acontecer em a uma única jogadora brasileira, sendo esta a protagonista de quase todas as reportagens sobre atletas femininas levantadas. As reportagens permitiram uma análise da representação midiática do espaço disponível a mulher no futebol, onde mesmo quando atuantes no esporte, não são vistas como participantes regulares, com motivos genuínos para estarem em espaços tradicionalmente masculinos, mas são retratadas sempre em suas relações com os homens. Concluímos que problematizar as relações de gênero presentes neste desporto a partir da perspectiva da mídia impressa, não se limita a inclusão das mulheres no futebol mas a ressignificação do esporte como um espaço político importante para igualdade de oportunidades entre homens e mulheres.

Palavras-chave: Futebol – Feminismo- relações de gênero-mídia- esporte

Abstract

Football, one of the cornerstones of Brazilian culture, remains riddled with traditional conceptions regarding the role of these engendered genders and their hierarchy. Despite the success that women have demonstrated within this sport, their participation is openly diminished, poorly advertised, and weakly funded. Given this context, this work aims to develop an analysis of sports reports and articles from the widely circulated newspapers in the states of Rio de Janeiro and Sao Paulo that were published from July 2007 to July 2014. News is considered a valuable source of information and as a device of social construction. During the gathering of data, 765 reports were found that discussed football and gender; these represented just 1% of all reports on the sport. The primary results show that the reports on female football are rare in that the majority of the news articles derive from international competitions that involves a variety of sports competitions being carried out simultaneously. Another aspect of this research surrounds the intense focus by news sources on just one Brazilian female footballer. Nearly all of the reports about female athletes, thus, feature her as the protagonist. The reports permit an analysis of media representation of the female footballer, who despite being actively involved in the sport is not considered a regular participant nor someone with genuine reasons for participation in a traditionally male-dominated sphere. In fact, the women are always portrayed in relation to men. Thus, by challenging gender relations in football through the lens of media, this research goes beyond discussing the exclusion of women in the sport and demonstrates the important political space for gender equality that football possesses.

Keywords: Football- feminism- Gender relations- media- sport

Sumário

Aquecimento: Uma introdução ao jogo de gênero no futebol.....	10
1 - Começa o jogo: Feminismo e Futebol	14
1.1 Na banheira: Posições de gênero no público e privado.....	14
1.2 Pra frente Brasil!: Futebol como constructo da cultura brasileira	17
1.3 Marcação homem a homem: Um breve histórico do futebol feminino	20
2 - Intervalo: Esquema tático da pesquisa.....	24
3 - Segundo Tempo: Análise dos dados.....	27
Mesa redonda: Balanço da Partida	42
Ficha de jogo: Referências Bibliográficas	44
ANEXO A- Ranking Nacional de Clubes de Futebol Feminino.....	50
ANEXO B- Ranking Nacional de Clubes de Futebol Masculino.....	51

Aquecimento

Ao se compreender as manifestações culturais em todas as suas formas de expressão esse trabalho se propôs a problematizar o importante elemento cultural que é o futebol e a questão de gênero, e de como o primeiro perpassou por um processo de espetacularização e profissionalização dos indivíduos. Para se falar da história do futebol no Brasil, devemos compreender que em sua gênese falamos do futebol masculino - até hoje compreendido como sinônimo natural de futebol - onde o futebol feminino configura-se apenas como uma subseção hierarquicamente inferior.

O futebol masculino brasileiro, já nasceu excludente. A história oficial celebra que foi Charles Miller, filho de ingleses que integravam a elite paulista, o introdutor do esporte no país. Ao voltar dos estudos na Europa, Miller trouxe na bagagem a bola e os conhecimentos do football – já muito popular no continente europeu- e juntamente com seus amigos realizou na manhã de domingo do dia 14 de abril de 1895, o primeiro jogo de futebol no Brasil, feito pela elite e para a elite. O futebol brasileiro surge assim, como um esporte aristocrático, em que os seus primeiros praticantes eram jovens da elite brasileira que não tinham o futebol como atividade exclusiva, isto é, se dedicavam também a outras atividades esportivas e praticavam o futebol de forma amadora. Somente no início do século XX com o sucesso que o esporte foi alcançando em competições internacionais, contando com a participação decisiva de um jogador mulato² de ascendência alemã, que o futebol se abriu a participação de indivíduos de qualquer origem no Brasil. Conforme afirma Guterman (2009,p.44):

O feito de Fried no sul-americano teve um peso que transcendeu os limites das disputas esportivas. Configurou-se, na verdade, no divisor de águas do futebol brasileiro, como aglutinador de raças e de classes sociais, ainda que somente no ambiente controlado do campo de jogo.

² Arthur Friedenreich. mulato de olhos verdes “El tigre” como ficou conhecido, foi o primeiro grande ídolo do futebol brasileiro. Nascido no bairro da Luz, em São Paulo, era filho do comerciante alemão Oscar Friedenreich e da ex- escrava brasileira Matilde. Seu pai era sócio do clube de futebol Germânia, no qual apenas homens brancos jogavam. Mas, Fried (como era conhecido) foi aceito por seu talento e sua ascendência alemã.

Essa abertura a participação somada ao movimento de industrialização do país, que culminou na autorização da prática do futebol pelos trabalhadores durante seu tempo livre, fez com que o futebol alcançasse a classe proletariada brasileira, como define Goussinky (2006, apud Rodrigues, 2007, p.116) :

[...] por volta de 1920 o futebol ainda era um esporte elitista, prática reservada aos aristocratas brasileiros. A maioria dos futebolistas o praticava por puro lazer e diversão, sem depender dele para sobreviver. No entanto, com o processo de industrialização e a conseqüente popularização deste esporte, o futebol começou a ganhar novos contornos. O crescimento do público que acompanhava as partidas de futebol, a profissionalização do futebol em outros países e a inserção nos clubes de jogadores oriundos das classes operárias contribuíram para o advento do modelo profissional no futebol brasileiro. É nesse momento em que o futebol, no Brasil, iniciava sua trajetória para tornar-se um “esporte das multidões”.

É dentro desse contexto de massificação do futebol do século XX que o futebol feminino começa sua história. Ao contrário da sua versão masculina, o futebol feminino, tem seu berço nas classes menos favorecidas, pois a prática deste esporte já estava intimamente associada a classe trabalhadora, sendo assim menosprezadas pelas mulheres da elite brasileira.

Um dos primeiros registros da atuação da mulher foi em 1921, entre as senhoritas tremembenses x senhoritas catarinenses. A partida foi anunciada no jornal A Gazeta como atração curiosa das festividades de São João. Pouco tempo depois o futebol feminino chegou a ser exibido em circos, como atrações de curiosidades (SUGIMOTO, 2003)

Entretanto ainda nas primeiras décadas do século XX, com o avanço da visão eugenista³, isto é, dos discursos de dedicação feminina a maternidade contribuindo para

³ É um termo criado em 1883 por Francis Galton, significando "bem nascido". Galton definiu eugenia como "o estudo dos agentes sob o controle social que podem melhorar ou empobrecer as qualidades raciais das futuras gerações seja física ou mentalmente".

a geração de uma nova raça, ficou proibido a mulher praticar qualquer atividade que pudesse prejudicar sua capacidade reprodutiva. Assim houve a preocupação pública quanto a prática do futebol pelas mulheres que teve sua consolidação na legislação brasileira. O Decreto Lei 3199 de 1941, em seu artigo 54 estabelece que "às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza". A legislação brasileira considerou a prática do futebol incongruente a função reprodutiva feminina, e portanto incompatível com a natureza das mulheres.

Esse decreto só foi revogado em 1979, mediante ao avanço da modalidade em outros países. Percebemos assim que, por muito tempo o direito de jogar futebol foi suprimido as mulheres. Isso não significa que as brasileiras deixaram de praticar o esporte, mas como era proibido, não se encontram registros sobre a realização de campeonatos, times ou mesmo da trajetória de jogadoras neste período. As mulheres que ousaram infringir a lei, mesmo de forma amadora, foram apagadas da história e das memórias oficiais do futebol brasileiro. A legislação assim, do mesmo modo que os especialistas, contribuiu para que o processo de entrada da mulher no esporte mais praticado no país se desse apenas no final da década de 1980 (DARIDO, 2002)

Um estudo sobre a exclusão feminina no futebol profissional, é importante sobre várias dimensões. Em primeiro lugar, porque houve uma proibição histórica a prática deste desporto pelas mulheres. Em segundo lugar, o futebol como um forte elemento da cultura brasileira deveria atender a necessidade da participação feminina e de outras minorias. E por fim , o futebol é um esporte financiado com dinheiro público, e como tal deveria ser também um espaço democrático, uma vez que o dinheiro público deve atender a interesses públicos, como a igualdade de gênero e o combate a discriminação. Vemos esse financiamento público de forma mais palpável com a execução da Copa do mundo FIFA de Futebol (masculino) onde apenas com obras e/ou construções de estádios- cuja principal ou única função seja a realização de jogos de futebol- foram gastos R\$ 5.904.125.156,89 -cinco bilhões novecentos e quatro milhões cento e vinte e cinco mil cento e cinquenta e seis reais e oitenta e nove centavos-do dinheiro público federal. Esse montante deve, ainda ser somado aos R\$ 4.505.242.607 (quatro bilhões quinhentos e cinco milhões duzentos e quarenta e dois mil e setecentos e sete reais), que foram financiados por bancos estatais (BRASIL. Controladoria Geral da União, 2014).

Além deste financiamento para a promoção do futebol de uma forma mais

ampla, ao compreender que essas estruturas poderiam ter um uso universal dentro do esporte, temos os patrocínios de empresas públicas⁴ a times de futebol, como é o caso da Caixa Econômica Federal⁵, maior patrocinadora do futebol brasileiro, que em 2013 investiu R\$ 110.000.000,00 (cento e dez milhões de reais) em clubes de futebol (CAIXA ECONOMICA FEDERAL, 2013).

E por fim, como se trata de certa forma um assunto recente, já que só foi abordado nas últimas décadas, ao considerar os pesquisadores que se propõem falar sobre o futebol, se predem ao futebol masculino e o retratam somente como um elemento de identidade nacional, mas pouco se fala das mulheres como indivíduos participantes desse esporte, pois academicamente “o futebol é pouco estudado, pesquisado e seriamente tratado como assunto pedagógico” (KUNZ, 2005, p.11). A literatura trata predominantemente dos grandes feitos do futebol brasileiro e reproduz um modelo masculino hegemônico da iniciação ao alto nível (KUNZ, 2005)

O objetivo do estudo foi a problematização da exclusão que as mulheres estão sujeitas dentro do futebol profissional no cenário brasileiro contemporâneo e descobrir como são tratadas pela mídia através da análise da mídia impressa de dois grandes jornais de circulação nacional. O foco foi descobrir como a mulher, quando presente nas reportagens midiáticas, foi retratada dentro do futebol. A mídia é uma importante fonte de informação, ao reproduzir as estruturas sociais, já no enquadramento do que é notícia, pois esta seleção perpassa por morais patriarcais e heterossexuais sobre quem é construído como sujeito de direitos.

Entende-se que esta pesquisa é importante pois pode vir a contribuir no avanço dos debates sobre a presença das mulheres no futebol e o enfrentamento da desigualdade de gênero neste espaço.

⁴ É uma pessoa jurídica de direito privado, que tem como finalidades: a) prestação de um serviço público; b) exploração de atividade econômica. O nome empresa pública vem do capital, que é exclusivamente público – devendo se observar que não precisa ser de uma única pessoa jurídica.

⁵ É uma instituição financeira, sob a forma de empresa pública do governo federal brasileiro, com patrimônio próprio e autonomia administrativa com sede em Brasília (DF) e com filiais em todo o território nacional. É uma pessoa jurídica autônoma, vinculada ao Ministério da Fazenda.

1-Começa o Jogo: Feminismo e Futebol

Neste primeiro capítulo iremos abordar a parte teórica do trabalho. Primeiramente colocaremos a discussão de gênero, que nos ajudará a compreender o contexto do nosso objeto de estudo bem como sua problematização, e de como esse trabalho acrescenta ao debate.

Em seguida, apresentaremos o futebol para além do esporte, mas também como um elemento cultural da sociedade brasileira. Veremos como o futebol desempenha ao mesmo tempo o papel de vitrine e de espelho dessa sociedade, carregando assim seus vícios e preconceitos.

E por fim faremos uma breve contextualização do futebol feminino, para auxiliar a compreensão das análises da visibilidade deste esporte, servindo de referencial para a apresentação do que virou e o que deixou de ser notícia, a definição das mais importantes competições dessa modalidade, e a compreensão de quão recente é a história dessa modalidade de esporte.

1.1 Na banheira⁶: Posições de gênero no público e privado

Para se escrever sobre as mulheres, ou sobre as implicações de ser mulher em uma sociabilidade que se baseia em diferentes significados para cada gênero socialmente construído, vamos abordar a história feminina no esporte. Sob a luz da literatura feminista, compreender essa socialização tanto do ponto de vista da naturalização, isto é, haver características inerentes a cada gênero, quanto do ponto de vista político.

O primeiro passo para a compreensão das formas de sociabilidade em que vivemos e aqui apresentamos, é se entender que o mundo cotidiano é concebido para homens, mas não no sentido geral e universal em que a palavra é empregada, mas sobre

⁶ Estar na banheira é um jargão do futebol, para os jogadores que ficam só dentro da área próximo ao gol adversário esperando a bola para a finalização ao gol. No futebol de campo, esta ação é caracterizada como impedimento, ou seja, o jogador achando no momento do passe, e não há entre si e a linha de fundo adversária pelo menos dois jogadores do outro time. Onde a função de se marcar impedimento é deixar o jogo mais equilibrado evitando um jogador fique só aguardando o lançamento para fazer o gol, pois assim não precisaria de táticas dos técnicos para ganhar o jogo. O jogador apresenta uma vantagem de posicionamento em relação ao adversário, aqui correlacionamos com as posições de gênero, que apesar de não serem opostas, vemos que há uma hierarquização de gêneros.

seres humanos do sexo masculino, como evoca o sentido denotativo do termo. E esse homem tem classe, gênero e cor. É sobre essa construção social, que mantem a dicotomia de gênero, que trata esta parte do capítulo.

Ao falarmos de construção de gênero é importante evocar o conceito de patriarcado, ressaltando que este não é uma estrutura social exclusiva do passado. Como define Matos & Paradis (2014), o patriarcado ainda é um elemento engendrado a nossa modernidade e na forma como o Estado está estruturado. Sendo um sistema contínuo de dominação do gênero masculino sobre o feminino, ou como define Amorós (1994, p.32) :

pode-se considerar o patriarcado como uma espécie de pacto interclassista metaestável, pelo qual se constitui o patrimônio de gênero dos homens, na medida em que eles se auto instituem sujeitos do contrato social diante das mulheres que são, em princípio, as contratadas.

Através de um discurso sobre o determinismo biológico, conseguimos perceber a construção de posições homólogas que determinaram os gêneros, isto é, foram atribuídas as mulheres e aos homens: a feminilidade é associada ao sentimentos e os trabalhos domésticos, ou seja, privados e escondidos e, a masculinidade adquire sinônimo de razão. Nesse discurso, as mulheres são excluídas do domínio público como espaço de cidadania e entende-se socialmente que mesmo no âmbito privado devem ser dominadas. Conforme afirma Barbosa (2013: p.79) :

A divisão supõe que os homens possuem aptidões superiores, o que permite a eles o distanciamento necessário das paixões e inclinações sensíveis-aptidões vistas como fundamentais para a vida pública, a ciência e o trabalho produtivo. As mulheres, por sua vez, são tomadas como mais emotivas e pouco lógicas , sendo naturalmente mais aptas aos cuidados com a casa e com os filhos, devendo deixar que os interesses da família sejam representados pelos pais ou maridos.

Consideramos assim que o conceito de gênero abrange a desigualdade nas relações entre homens e mulheres, evidenciando a desigualdade que é produzida e

reproduzida nesta construção social, que garante um lugar privilegiado de poder ao homem sobre a mulher que é considerada inferior e subalterna a este.

Essas concepções fundamentadas nas supostas diferenças entre os gêneros incidem em uma hierarquia destas esferas, onde a esfera privada seria hierarquicamente inferior em relação a esfera pública (Barbosa, 2013). O que frequentemente é esquecido é que para a manutenção da esfera pública, alguém – as mulheres- está desempenhando o seu papel no âmbito privado. As demandas privadas não desaparecem apenas porque são banidas dos espaços considerados públicos. Elas ficam reclusas aos espaços domésticos e, a associação e frequente enclausuramento das mulheres a estes espaços, permite a manutenção dessas duas esferas como separadas. Pois apesar da luta pelos direitos e oportunidades iguais de participação na esfera pública, aceita-se a responsabilidade do cuidado da esfera privada como inerente ao gênero feminino. Conforme afirma Carloto e Gomes (2011, p.133)

As práticas sociais das mulheres estruturaram-se em torno da imagem materna e conjugal, assim como o trabalho feminino teve sua vinculação direta à esfera doméstica, à família e à produção dos cuidados; funções que, na ordem patriarcal, assumem um *status* inferior na construção da sociedade e, por isso, invisibilizados enquanto atividades de relevância econômica. É importante salientar que os cuidados e a reprodução são reconhecidos enquanto práticas essenciais à existência e à sobrevivência humana. A questão é que se tornou um papel "sexualizado", no qual a mulher apresenta uma habilidade natural, movida pelo afeto e pelo amor, por isso não pode ser elevado à categoria de trabalho ou de atividade fundamental à economia, visto que se trata de algo quase "instintivo". Esta imagem construída do trabalho doméstico segmentou as mulheres a uma esfera invisível, excluindo-as como sujeitos da história.

Associa-se as mulheres a esfera privada liberando o mundo público dos homens para funcionar livre de questões domésticas que são apontadas como centrais a vida coletiva pelas feministas. Conforme afirma Mackinnon (1987 apud Barbosa , 2013, p. 84):

Difícilmente os trabalhos teriam a mesma configuração caso as relações de dependência, consideradas exclusividade das mulheres, fossem uma obrigação compartilhada. Instituir que a jornada de trabalho deve corresponder, por exemplo, a quarenta horas semanais, é pressupor que o trabalhador possui uma mulher em casa cuidando dos filhos, dos familiares com deficiência e dos idosos.

Isso também foi exemplificado por Paterman (1993, apud Barbosa , 2013, p. 84) ao afirmar que : “ a persistente figura do “trabalhador”, o artesão, com um macacão limpo, um saco de ferramentas e uma marmitta , é sempre acompanhada pela figura espectral de sua esposa”.

Para Rocha (2010 apud Carneiro e Fraga 2012, p. 373) as mulheres representam um dos grupos que mais sofre discriminação ao serem consideradas frágeis e minoritárias, sendo esta uma forma de violência, que surge de uma sociedade que frequentemente violenta a mulher.

1.2 Pra frente Brasil!⁷ : Futebol como constructo da cultura brasileira

Objeto que remete ao lado passional do ser humano, isto é, é motivado por um sentimento excessivo de paixão vemos o futebol como figura marcante da construção de pertencimento cultural brasileiro brasileira. Por isso abordar o tema no Brasil, vem atrelados a significados esportivos, culturais , políticos e sociais. Conforme coloca DaMatta (1982), o futebol não tem apenas o seu sentido próprio como desporto, mas está também a serviço de um conjunto de valores e relações sociais, isto é, que através do jogo a população encontrou uma forma de se manifestar como coletividade.

Neste contexto, Antunes (2004) afirma que são mínimas as possibilidades de se encontrar no Brasil um interlocutor que não saiba falar algo sobre futebol, e é essa significação que coloca este esporte como intrínseco ao brasileiro, dando a falsa ideia ao mundo de que todos os brasileiros nascem sabendo jogar futebol. Segundo Giglio (2008: p. 80):

⁷ Refrão do hino motivacional da seleção masculina de futebol durante a COPA FIFA de 1970

o vínculo entre o futebol e o cidadão brasileiro ser tão grande, acaba-se por naturalizar as suas opções pela prática do futebol, fazendo com que toda a mediação existente em torno desse fenômeno seja esquecida, para se passar a acreditar num possível dom divino dessa nação, uma aptidão para jogar futebol responsável por tantas glórias conquistadas nos gramados.

Com a massificação do futebol, os debates sobre este se desenvolveram em dois polos. No primeiro o futebol foi analisado como uma prática alienadora, servindo como forma de desviar as atenções, afastando o povo de suas reais preocupações e de seus problemas mais urgentes. No segundo polo o futebol foi encarado como elemento positivo e unificador de uma comunidade, pois como afirma DaMatta (1982) a massa popular jamais teve voz, e se via representada apenas dentro das hierarquias do poder institucionalizadas na sociedade brasileira, contra as quais a experiência futebolística permitiu um sentimento de identidade popular, vez que provocava uma sensação horizontalização do poder.

Para Flusser (1998), o futebol no Brasil transcendeu a perspectiva da alienação, isto é, uma forma de afastar as massas de seu potencial revolucionário, mas se caracteriza como fenômeno de expressão de coletividade, pois o jogo tornou-se um elemento de identificação e de pertencimento a comunidade, caracterizando uma das formas pela qual a sociedade se expressa. O futebol adquire assim a função de espaço de intervenção política. Conforme podemos ver em Giulianotti (2002:p. 42) :

O futebol é uma das grandes instituições culturais, como a educação e os meios de comunicação de massa, que formam e consolidam identidades nacionais do mundo inteiro. A difusão internacional do futebol durante o final do século XIX e o início do século XX ocorreu quando a maior parte das nações na Europa e na América Latina estava negociando suas fronteiras e formulando suas identidades culturais. (...) Uma linguagem compartilhada, um sistema educacional e meios de comunicação de massa tornaram-se instrumentos culturais vitais para disseminar sentimentos de nacionalidade. Cada nação produziu uma “história oficial”, celebrando figuras heroicas que haviam lutado para defender “o povo” contra forças hostis. De maneira mais influente, a cultura popular fornecia esses recursos com componentes estéticos e ideológicos. Eventos esportivos, principalmente partidas de futebol, tornaram-se os colaboradores mais importantes. Times de futebol de diferentes partes do país podem representar localidades rivais, mas dentro de uma estrutura unificadora de um sistema de liga nacional. Nos internacionais, o time incorpora a nação moderna.

Então com o auxílio da mídia, a ideia do futebol como manifestação da cultura e elemento identitário brasileiro foi construído, pois as crônicas midiáticas serviam como multiplicadores do jogo, atingindo inclusive aqueles sujeitos que não puderam participar pessoalmente do evento. A mídia, assim, atua como mantenedora do esporte conforme afirma Borges (2006) :

Os cronistas são importantes personagens na história do futebol no Brasil. Compreender seus entendimentos, perspectivas, esperanças e projetos de país, presentes em seus escritos permite a ampliação da dimensão explicativa da história, levando-nos ao encontro das representações/imagens do que fomos, somos e do que objetivamos ser. Afinal, as crônicas esportivas não se descuidam de veicular discursos sobre o que é ser brasileiro, discursos estes que acabam por afetar até mesmo outros setores da vida cotidiana do brasileiro, inclusive fora do âmbito esportivo. Entenda-se, elas não estão deslocadas dos momentos históricos vividos pelo Brasil.

Pois para os cronistas do início do século XX, aqui destacamos Nelson Rodrigues, João Saldanha e Armando Nogueira, o futebol permitia que o mais simples dos brasileiros pudesse sentir-se parte da nação, conforme afirma DaMatta (1982):

É pelo futebol, então, que se permite à massa uma certa intimidade com os símbolos nacionais. (...) Nestes momentos de “carnaval cívico”, criados pelo futebol, os símbolos sagrados da pátria (que, no Brasil, são cercados de regras em termos do seu uso), deixam de ser propriedade das camadas dominantes e, sobretudo, do “governo” e das “autoridades”, para se disseminarem pelo meio da massa anônima, que com eles celebra uma relação de franca e desinibida intimidade.

Por fim destacamos que o futebol pode ser entendido como uma possibilidade do indivíduo sair da posição de objeto para se tornar sujeito social, conforme coloca Borges (2006) “o futebol pode e deve ser compreendido exatamente por ser um meio de

cultura, como um objeto capaz de fornecer explicações para o país”.

1.3 Marcação homem a homem⁸: Um breve histórico do futebol feminino

Ao se falar de futebol feminino no Brasil devemos levar em consideração, que um marco da exclusão das mulheres no futebol é o Decreto Lei 3.199 de 1941, que proibia a prática por mulheres de todos aqueles esportes tidos como violentos e incompatíveis com o sexo feminino. O corpo feminino segundo o decreto era considerado frágil, tendo seu banimento do futebol justificado pela crença de que poderia prejudicar a função social da mulher que era a maternidade. Em decorrência disto, a prática por mulheres do desporto esteve marginalizada. Conforme vemos na carta de um cidadão ao presidente Getúlio Vargas:

[Venho] Solicitar a clarividente atenção de V. Ex. para que seja conjurada uma calamidade que está prestes a desabar em cima da juventude feminina do Brasil. Refiro-me, Snr. Presidente, ao movimento entusiasta que está empolgando centenas de moças, atraíndo-as para se transformarem em jogadoras de futebol sem se levar em conta que a mulher não poderá praticar esse esporte violento, sem afetar, seriamente, o equilíbrio fisiológico das suas funções orgânicas, devido à natureza que dispôs a ser mãe... Ao que dizem os jornais, no Rio, já estão formados, nada menos de dez quadros femininos. Em S. Paulo e Belo Horizonte também já estão constituindo-se outros. E, neste crescendo, dentro de um ano, é provável que, em todo o Brasil, estejam organizados uns 200 clubes femininos de futebol, ou seja: 200 núcleos destroçadores da saúde de 2.200 futuras mães que, além do mais, ficarão presas de uma mentalidade depressiva e propensa aos exibicionismos rudes e extravagantes (José Fuzeira, carta datada de 25/04/1940 In - SUGIMOTO, Luiz. Eva futebol clube, 2003).

⁸ É quando os jogadores de um time marcam os adversários individualmente

Entretanto essa exclusão feminina do futebol coincide com o início do uso político deste esporte, que no início da década de 1940 passa a ser chamado de “Esporte Maior da Nação”, e ao ser cercado pela imprensa representava um importante espaço público, onde não convinha o protagonismo feminino.

E em função desta interdição há poucas informações da prática de futebol que se limitam a existência dos clubes femininos e que se intensificam após a revogação do decreto, a considerar ainda que a prática do futebol por mulheres ofendia as famílias conservadoras em virtude da exposição do corpo. Goellner (2005) afirma que:

[...] o temor à desmoralização feminina frente à exibição e espetacularização do corpo se traduzia num fantasma a rondar as famílias, em especial, as da elite. À prática esportiva, o cuidado com a aparência, o desnudamento do corpo e o uso de artifícios estéticos, por exemplo, eram identificados como impulsionadores da modernização da mulher e da sua auto-afirmação na sociedade e, pelo contrário, como de natureza vulgar que a aproximava do universo da desonra e da prostituição.

Em 1979, com a revogação do decreto-lei 3.199 que impedia as mulheres de jogar futebol, foram criadas- ou recriadas- várias equipes e ligas femininas. Dentre elas, a equipe carioca Radar⁹, que desde 1982 conquistou títulos nacionais e internacionais. Em decorrência do aumento da participação feminina no futebol, em 1986 surgiu o SAAD¹⁰, de São Paulo, dando uma rivalidade maior do esporte.

Enquanto as mulheres brasileiras galgavam seu espaço dentro do futebol, no contexto mundial o futebol feminino já estava mais acelerado em sua inserção como esporte profissional e em 1986 a FIFA passou a organizar os eventos da modalidade,

⁹ O Esporte Clube Radar é um clube esportivo do bairro de Copacabana, Rio de Janeiro, fundado em 1932. Atualmente funciona apenas como uma academia de musculação e possui equipes de luta, mas já teve equipes de futebol de areia (masculino e feminino) e futebol de campo feminino, e foi um dos pioneiros do desenvolvimento desse esporte no Brasil. O futebol feminino começou em 1981, por iniciativa do empresário e presidente do clube Eurico Lira. Com o baixo retorno do futebol feminino, e a exclusão das ligas femininas o Radar desmanchou a equipe.

¹⁰ Saad Esporte Clube foi um clube de futebol de São Caetano do Sul, posteriormente mudou-se para Campo Grande e atualmente também está sediado em Águas de Lindóia, onde disputa campeonatos de futebol feminino. Somente em 1985, o time abriu as portas para o futebol feminino quando sofreu o preconceito do futebol para mulheres. Em 1989, o Saad Esporte Clube fechou as portas para o futebol profissional masculino.

sendo que os eventos do futebol masculino são organizados pela entidade desde de 1904. A realização deste evento representou a consolidação da profissionalização do futebol feminino, ocorrendo em 1991 a primeira Copa do Mundo feminina de Futebol, na China, contando com 12 seleções participantes. A seleção brasileira foi eliminada nas oitavas de final naquela ocasião. Em 1996, a modalidade foi incluída nas Olimpíadas de Atlanta, contando com a participação de 8 seleções .

Nesta Olimpíada¹¹, a seleção brasileira conquistou o quarto lugar, mesma colocação que ficou na Olimpíada seguinte, em Sydney em 2000. Já na Olimpíada de Atenas, em 2004 e em Pequim em 2008 o Brasil conquistou consecutivamente a medalha de prata, Nestes eventos, somente em 1996 a seleção masculina alcançou uma classificação superior, conquistando o terceiro lugar. Nos outros anos sempre obteve um rendimento inferior em relação a seleção feminina.

No ano de 2007, no Pan Americano¹² disputado no Rio de Janeiro, a seleção brasileira conquistou a medalha de ouro, conquistando o título invictas, isto é, sem perder nenhuma partida e sem sofrer nenhum gol. Enquanto a seleção masculina, no mesmo evento, ficou em quinto lugar. Também neste ano, a seleção feminina ficou com o vice campeonato da Copa do Mundo, disputado na China. Competição que consagrou a atacante Marta como maior jogadora brasileira da história.

Após essas conquistas, ainda em 2007, a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) organizou o primeiro torneio nacional oficial para mulheres, a Copa do Brasil de Futebol Feminino¹³. Nas duas edições seguintes da competição, a CBF se eximiu de promover a competição, que permanecia sem apoio midiático ou de patrocinadores, sendo ignorada pela maioria da população.

No ano de 2009, foi criada a Copa Libertadores da América de Futebol Feminino¹⁴, sendo esta primeira edição transmitida pela rede Bandeirantes de televisão, representando assim a primeira vez que uma competição exclusivamente de futebol

¹¹ Evento internacional organizado pelo Comitê Olímpico Internacional (COI), onde milhares de atletas competem em modalidades do verão. Os jogos são realizados a cada quatro anos em anos pares. O Jogos cresceram em tal escala, que quase todas as nações serem representadas

¹² Os Jogos Pan-Americanos, organizado pelo COI, é um evento multiesportivo, que tem como base os Jogos Olímpicos, nos quais participam os países do continente americano

¹³ Disputa de futebol feminino que conta com a participação de 32 equipes selecionadas a partir de critérios que levam em consideração o Ranking Nacional de Futebol (RNF). O campeão da Copa do Brasil conquista o direito de disputar a Copa Libertadores da América de Futebol Feminino.

¹⁴ Competição de futebol internacional realizada entre os times femininos associados a Confederação Sul-Americana de Futebol

feminino foi transmitida na televisão aberta no Brasil. Ressaltamos que em todas as seis edições da Copa Libertadores existentes, além de terem tido o Brasil como sede, as equipes brasileiras estiveram em todas na final dos jogos, tendo vencido cinco destes confrontos.

Somente em dezembro de 2011, o Ministério do Esporte demonstra o interesse do poder público em patrocinar as mulheres no esporte, através da criação da coordenadoria de futebol feminino. Desde então além da manutenção da Copa Libertadores Feminina no Brasil, conseguiu reestabelecer o Campeonato Brasileiro Feminino¹⁵ em 2013, competição suspensa desde 2001. Esse torneio contou com o patrocínio da Caixa Econômica Federal e com o apoio do Ministério do Esporte. Em 2014 esse incentivo se repetiu, e conseqüentemente a competição também.

Esse breve histórico do futebol feminino, salienta a entrada tardia das mulheres no esporte e revela o caráter recente desta modalidade de futebol no Brasil. Através do preconceito que as impedia de jogar, disfarçado de cuidado com o bem-estar feminino, as mulheres ficaram a margem do futebol, e apesar de não existirem mais leis que proibam a prática do esporte pelas mulheres, o preconceito e discriminações ainda marcam a realidade feminina dentro deste desporto.

¹⁵ Disputa de futebol feminino com a participação de 20 equipes. Os critérios de participação levam em consideração o campeão da edição anterior, bem como o campeão da Copa do Brasil além do RNF

2- Esquema tático :Metodologia de pesquisa

A pesquisa qualitativa apresenta abordagens diferenciadas, possuindo passos singulares na análise de dados. Esse tipo de pesquisa tem como instrumento essencial o pesquisador, pois este coleta pessoalmente os dados, que por sua vez são extraídos de múltiplas fontes. Conforme afirma Creswell (2010, p. 208) :

Seguem as características da pesquisa qualitativa apresentadas [...] O pesquisador como instrumento fundamental- Os pesquisadores qualitativos coletam pessoalmente os dados por meio de exame de documentos, de observação do comportamento ou de entrevista com os participantes. Eles podem utilizar um protocolo- instrumento para a coleta de dados, mas são eles próprios que coletam as informações. Não tendem a usar ou a se basear em questionários ou instrumentos desenvolvidos por outros pesquisadores.

Outra característica importante neste método de pesquisa é que este o de ser um projeto emergente, isso significa segundo Creswell (2010, p. 209) :“o plano inicial para a pesquisa não pode ser rigorosamente prescrito, e que todas as fases do processo podem mudar ou se deslocar depois que o pesquisador entrar no campo e começar a coletar os dados”.

A seguinte pesquisa se propõem a uma análise qualitativa, através de uma perspectiva ampla de gênero utilizando como evidência empírica notícias de dois jornais de grande circulação, O Globo e a Folha de São Paulo, compondo uma base documental para uma investigação da presença feminina no futebol profissional e analisando a discussão de gênero dentro deste desporto segundo a mídia impressa e o mapeamento da exclusão pautada nesse conceito dentro deste espaço.

Foram recuperadas as reportagens com a temática futebol no período de julho de 2007 a julho de 2014 onde há um marco acerca de gênero dentro do futebol, que foi o caso Richarlyson, que ocorreu em julho de 2007 e em julho de 2014 se encerrou a Copa do Mundo Fifa de futebol¹⁶ masculino edição do Brasil. Por falhas no banco de

¹⁶ A Copa do Mundo FIFA de futebol, mais conhecida tradicionalmente pelo antigo nome "Copa do Mundo é uma competição internacional de futebol que ocorre a cada quatro anos. Essa competição, criada em 1928 na França, sob a liderança do presidente Jules Rimet, está aberta a todas as federações reconhecidas pela FIFA (Federação Internacional de Futebol Associado, em francês: *Fédération Internationale de Football Association*). A primeira edição ocorreu em 1930 no Uruguai, cuja seleção que abrigou o evento saiu vencedora. E o nome da taça faz referência a Jules Rimet.

dados do jornal O globo, não constam as reportagem de dezessete dias do mês janeiro de 2012 e um dia do mês de janeiro de 2013. Esse recorte nos permitiu lidar com fatos recentes e pertinentes a história futebolística brasileira. Desta forma a pesquisa expressa o atual cenário do futebol, como um espaço profissional, componente cultural e opção de lazer.

As reportagens foram acessadas por meio do banco de dados dos jornais analisados, disponibilizados de forma eletrônica mediante a assinatura. Os arquivos foram salvos em PDF para análise das reportagens pertinentes. As quantidades mensais e anuais de reportagens foram tabuladas no programa Microsoft Excel com planilhas separadas para cada jornal.

No período analisado foram encontrados 74.765 (setenta e quatro mil setecentos e sessenta e cinco) fatos noticiosos acerca de futebol no caderno de esporte das mídias consideradas neste estudo. Destes apenas 765 (setecentos e sessenta e cinco) se tratavam do futebol feminino e/ou da participação feminina no futebol. Assim 1% das reportagens levantadas se tratavam do tema aqui proposto para estudo. Utilizando a definição de Fontes (2014) para notícia e reportagem :

[...]a notícia é um registro curto, imediatista, dando conta de um episódio e tendo como objeto responder às perguntas básicas do jornalismo: quem, o quê, quando, onde e como. A reportagem é uma narrativa mais complexa, que pode até tomar uma primeira notícia publicada para, a partir dela, construir uma abordagem mais ampla e complexa, reunindo dados, formulando comparações no tempo, atualizando-os social e politicamente e dando espaço para fontes de diferentes campos interpretarem o tema como fenômeno circunstancializado.

Verificamos que nesta pesquisa foram encontradas majoritariamente notícias sobre mulheres no futebol, ou seja, narrativas curtas acerca de eventos muito específicos. Quando por raras exceções haviam reportagens, se tratavam de êxitos em competições de importância internacional, onde o evento em si já era um fato noticioso como por exemplo Olimpíadas e o Pan- americano.

Partindo destes conceitos de notícia e reportagem salientamos que nesta pesquisa tratamos quaisquer narrativa noticiosa vinculadas pelas mídias aqui analisadas

pelas nomenclaturas de notícias ou reportagens abarcando assim as notícias, matérias, notas e reportagens. Exceto quando for relevante ao texto a diferença entre estas, os casos foram devidamente explicitados.

No que tange as notícias foram selecionados os jornais *O Globo* e *a Folha de São Paulo*, maiores jornais dos estados do Rio de Janeiro e São Paulo respectivamente. A escolha destes estados se justifica por eles terem sido os primeiros a terem times de futebol profissionais e concomitantemente a realizarem competições deste desporto. Esses estados agregam também cerca de 57 % dos torcedores do país, isto é, mais de 106 milhões de pessoas (DATAFOLHA, 2012). A escolha destes estados também se justifica pelo número de ligados ao futebol profissional. São oriundos destes estados 40 % dos times da principal divisão do futebol masculino - a denominada Serie A do Brasileirão¹⁷ -, e 30 % dos times da única divisão do futebol feminino da mesma competição. Além disso, cerca de 18% dos árbitros associados da CBF são provenientes das confederações deste estado. (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL, 2014).

Na análise das notícias foram avaliadas quantas tratam da temática futebol para delimitação do universo da pesquisa, onde o recorte foi utilizado através das palavras-chaves: futebol feminino, mulher e futebol. Foram relevantes dentro desta análise a recorrência de reportagens nas quais se trate da participação feminina no desporto, e posteriormente, como esta participação é retratada.

A notícia é, e será tratada aqui, como uma importante fonte de informação onde essas narrativas noticiosas, vinculadas pela mídia de massa são dispositivos confiáveis de construção social.

A produção da notícia é uma forma de ver e narrar o mundo. Deve-se salientar que esses dados estão dentro do enquadramento e seleção do que conta como notícia, que perpassa por uma moral heterossexual e patriarcal. Os critérios de noticiabilidade são portanto o conjunto de valor-notícia que determinam se um acontecimento, ou assunto, é apta a se tornar notícia. O noticiamento de um fato funciona como um reforço dos sentidos atribuídos ao real, pois ao se abordar o mesmo fato sobre a mesma

¹⁷ É o principal torneio de clubes do futebol brasileiro disputado anualmente desde 1959. Vinte clubes participam da serie A do Campeonato Brasileiro. O campeonato possui quatro divisões.

perspectiva, ou até mesmo não abordar um fenômeno social, boa parte da opinião pública tende a não apresentar uma posição diferente por receio da desvantagem de ponto de vista (FONTES, 2014) .

Ao se compreender a mídia como fundamental no comportamento e na formação do individuo, sendo base cultural e ideológica, esta funciona como reforço das representações sociais, evidenciando os papéis socialmente construídos para homens e mulheres (CORREA et al, 2007). Os meios de comunicação explicitam as desigualdades, apesar de não rotular os preconceitos como tal. Ao se utilizar de eufemismos, a mídia mostra que os homens e as mulheres possuem lugares hierarquicamente preestabelecidos na sociedade, promovendo restrições de experiências para ambos. O fracasso não é tolerável ao homem ratificando a intransigência e a energia como virtudes competitivas. Já o modelo feminino continua pautado na necessidade da mulher em comprazer a si própria.

A mídia ainda usa o parâmetro masculino como termômetro no qual se define a competência da mulher, ou retrata uma imagem de sociedade como se a mulher não tivesse conquistado direitos e continuasse a desempenhar o mesmo papel. Neste contexto o mundo midiático masculino está configurado no poder, sucesso e prazer, enquanto o da mulher está voltado a um papel secundário, perpetuado por obrigações com a família. (CORREA et al, 2007).

Para a realização desta pesquisa não foi necessária a submissão ao comitê de ética por se tratar de peças documentais públicas.

3- Apito Final: Análise dos dados

Ao se propor levantar as reportagens que tratavam de futebol de campo e defini-las como universo de pesquisa, salientamos que durante o período analisado nos dois jornais escolhidos não houve um dia que o desporto não fosse abordado, isto é, a temática sempre esteve presente em todas as publicações do período estudado.

Durante o levantamento de dados midiáticos, foram encontrados 74765 (setenta e quatro mil setecentos e sessenta e cinco) fatos noticiosos acerca de futebol de campo profissional em todas as suas esferas, dentro do caderno de Esportes dos jornais pesquisados. Para essa contagem, não foram consideradas as propagandas, pois apesar de apresentarem o futebol como temática não se enquadram no conceito de fatos noticiosos aqui estudados. Fontes (2014-p. 16) define que “as notícias expressam um plano interpretativo que opera por meio dos sentidos: as imagens, os enquadramentos, as vozes que são apresentadas, o que e quem não podemos ver, o que e quem não podemos ouvir”.

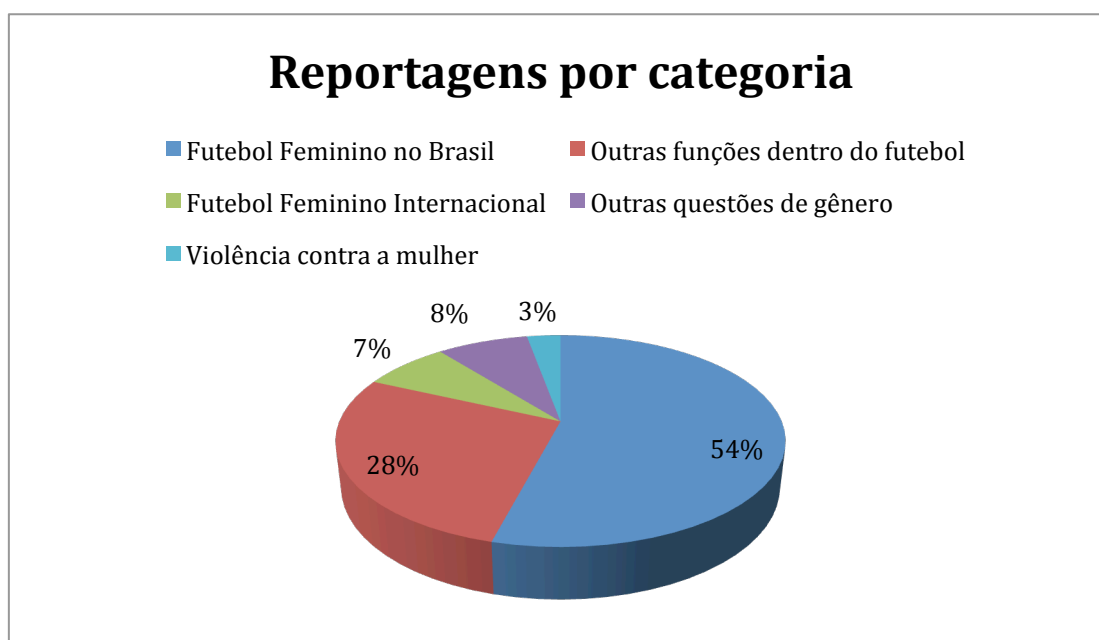
A análise do material, resultou no dado de que apenas 765 (setecentos e sessenta e cinco) reportagens eram sobre mulheres no futebol somadas as do futebol feminino e as de um sentido mais amplo de gênero, representam assim 1% do total reportagens sobre esse desporto. Apesar de já ser numericamente inferior, e por isso já ser bastante emblemático, este número não demonstra a representatividade das profissionais e/ou torcedoras deste desporto, por contabilizar também as reportagens das outras categorias dessa pesquisa.

Mesmo se todas as reportagens representassem apenas as mulheres atuantes no futebol, esse número continuaria a mostrar a disparidade de representação das mulheres nesse esporte na mídia, já que segundo o Ranking Nacional de Futebol, fornecido pela CBF, os clubes femininos representam cerca de 36,95 % dos clubes do Brasil conforme é possível verificar no “ANEXO A” deste trabalho (Confederação brasileira de Futebol, 2015). Na arbitragem, segundo dados da mesma instituição, as mulheres representam 7% da relação nacional de arbitragem ativa. Ou seja, mesmo com uma porcentagem superior de mulheres na torcida, nos clubes e na arbitragem, tais personagens do futebol brasileiro não alcançam os fatos noticiosos da mídia.

Na torcida, essa baixa representação é ainda mais contestada, já que segundo uma pesquisa realizada pelo DATAFOLHA (2012), 51% das torcidas são compostos por mulheres, de forma que a participação feminina nas torcidas é majoritária. Referenciando essa participação, vemos ainda a quantidade de torcidas organizadas que possuem facções femininas ou que são exclusivamente femininas como a Jovem Fla Pelotão Feminino do Clube de Regatas Flamengo, do Rio de Janeiro e a Dragões da Real, do São Paulo Futebol Clube.

Ao iniciar a análise dessas reportagens, em decorrência da frequência dos assuntos abordados nestas, as separamos em 5 (cinco) categorias gerais de análise, criadas a partir dos dados. Nas duas primeiras categoria nos propomos a analisar a atuação das mulheres como jogadoras de futebol profissional onde na primeira selecionamos as reportagens que relatavam as jogadoras profissionais de futebol brasileiras e na segunda analisamos o futebol internacional. Na terceira categoria selecionamos notícias sobre outras atuações possíveis dentro do futebol- arbitragem, direção, cargos administrativos e técnicos, torcida e família de atletas- e a participação feminina inseridas no futebol masculino. Na quarta categoria analisamos outras questões de gênero recorrente nas reportagens. E por último- por recorrência de ocorrências - analisaremos os casos de violência contra a mulher realizados por jogadores homens de futebol.

Percebemos ao comparar estas categorias, que as reportagens trazem como pauta majoritariamente a atuação feminina como atleta, conforme é possível ver no gráfico 1:



Com a análise das reportagens dessa categoria, é possível constatar que a maioria das notícias acerca do futebol feminino são pontuais, isto é, se dá majoritariamente em eventos cujo a importância é de caráter internacional, e que por si só já seriam fatos noticiosos, bem como os Jogos Olímpicos de Verão¹⁸ e os Jogos Pan-Americanos¹⁹. Mesmo com a importância destes eventos, vale salientar que as notícias sobre a seleção de futebol de campo feminino são diretamente proporcionais ao êxito obtidos por esta. Ou seja, as reportagens não são inspiradas pelo reconhecimento ao protagonismo das mulheres, mas por retratar uma modalidade esportiva dentro de um grande evento.

Ao compararmos, por exemplo, as notícias publicadas nos anos de 2007 e 2008, conseguimos verificar essa relação entre quantidade de notícias e desempenho das equipes femininas. Em 2007, quando a seleção feminina foi campeã do Pan do Rio²⁰ verificamos 134 reportagens acerca do futebol feminino. Já no ano seguinte, ano das Olimpíadas de Pequim²¹, evento que por seu tamanho e abrangência mundial tem maior importância e portanto deveria ter mais reportagens, como a seleção feminina de futebol ficou com a medalha de prata, isto é, a segunda colocação, tivemos apenas 112 reportagens sobre a modalidade, isto é, 22 reportagens a menos. Nas edições seguintes dessas competições 2011 e 2012 respectivamente, onde as brasileiras não tiveram conquistas expressivas as reportagens foram também reduzidas.

Estes momentos de evidência do futebol feminino são também momentos de evidência para outras modalidades esportivas com menos prestígio nacional, sendo que alguns desses esportes ganham ainda mais notoriedade na mídia do que o futebol feminino. Os casos da natação e da Ginástica Artística são exemplos de esportes que adquiriram maior notoriedade que o futebol feminino.

¹⁸ São um grande evento internacional, onde milhares de atletas competem em modalidades do verão. os Jogos são realizados a cada quatro anos em anos pares. O Jogos cresceram em tal escala, que quase todas as nações serem representadas .

¹⁹ Os Jogos Pan-Americanos são um evento multiesportivo, que tem como base os Jogos Olímpicos, nos quais participam os países do continente americano.

²⁰ Os Jogos Pan-Americanos de 2007, oficialmente denominados XV Jogos Pan-Americanos, foram um evento multiesportivo realizado em julho na cidade do Rio de Janeiro, no Brasil. Durante os dezessete dias de competição, 5633 atletas de 42 países competiram em 332 eventos de 47 modalidades

²¹ Jogos Olímpicos de 2008 oficialmente Jogos da XXIX Olimpíada foram um evento multiesportivo realizado em Pequim, na República Popular da China. Um total de 10 500 atletas competiram nos 302 eventos dos 28 esportes, totalizando um evento a mais que os jogos de 2004em Atenas.

Outro fato constatado na análise dos dados, é que em grandes eventos do futebol masculino, o protagonismo masculino dentro do futebol fica mais evidente, e o futebol feminino fica a sua margem, como por exemplo no ano de 2009, onde a seleção masculina foi campeã da Copa das Confederações²². E durante 2010, que tivemos a Copa do mundo FIFA de futebol, esse numero de reportagens foi ainda menor. Nas edições dessas mesmas competições realizadas no Brasil, sendo a Copa de Confederações 2013 e durante o ano de 2014 o ano da Copa do Mundo FIFA de futebol no Brasil²³ vemos a redução mais drástica, sendo que as reportagens sobre o futebol feminino quase não existiram. Conforme visto no Gráfico 2:

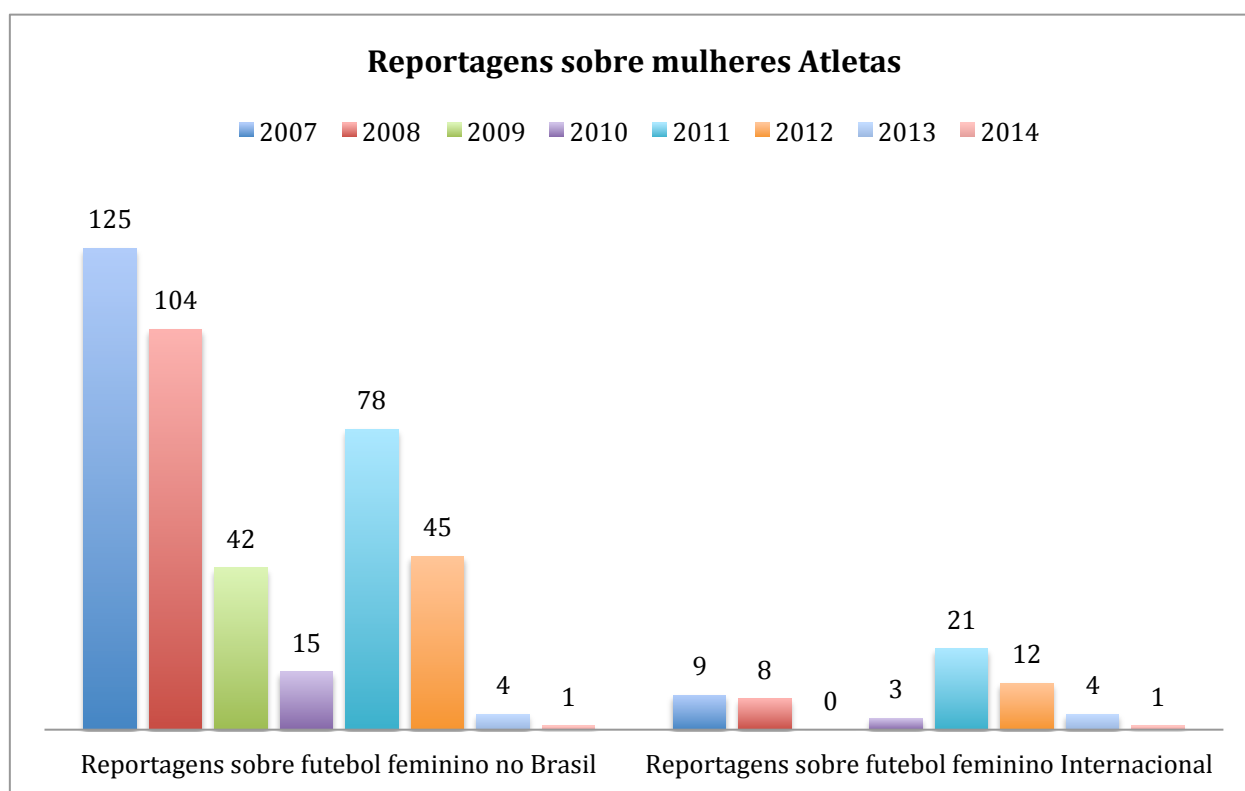


Gráfico 2

²² É um torneio de futebol organizado pela FIFA entre seleções nacionais a cada quatro anos (a partir de 2005, anteriormente a cada dois anos). Os participantes são os seis campeões continentais mais o país-sede e o campeão mundial, perfazendo um total de oito países. É escolhida uma única seleção para cada continente, excetuando a América, pois ela classifica duas seleções: a seleção campeã da "Copa Ouro", cujo torneio é disputado entre a América do Norte, América Central e Caribe e a "Copa América", disputada pelos países que compõem a América do Sul.

²³ Foi a vigésima edição deste evento esportivo, um torneio internacional de futebol masculino organizado pela FIFA, que ocorreu no Brasil, anfitrião da competição pela segunda vez. Com doze cidades-sede, o campeonato começou a ser disputado no dia 12 de junho e terminou em 13 de julho.

Sobre as mulheres atletas, vemos nos dados que as conquistas realizadas apenas pelas mulheres, ainda que sem sucessos equivalentes no futebol masculino mundial, não foram noticiadas nos dois jornais aqui investigados, ou quando foram, não tiveram destaque ou a exploração necessária, isto é, não eram reportagens propriamente ditas, já que conforme afirma Fontes (2014- p. 30):

A reportagem ultrapassa as fronteiras do mero registro de um acontecimento. Ela dialoga com o tempo, o espaço, episódios anteriores, contextos locais e, sobretudo, com a diversidade de vozes legitimadas ouvidas.

Vemos assim que, a ausência de reportagens sobre mulheres não decorre da ausência de premiações ou desempenhos satisfatórios. Exemplos disso são o caso da atleta australiana Ellyse Perry, que com 20 anos de idade, se tornou a primeira australiana a participar de Copas do mundo de dois esportes diferentes. Perry atua concomitantemente pelas seleções de Críquete e de Futebol do seu país. Este feito é incomum e não foi possível localizar registros de ter sido conseguido por qualquer outro jogador de futebol masculino no mundo. Isso demonstra que a invisibilidade das mulheres no futebol não pode ser justificada pela inferioridade das suas conquistas se comparadas aos homens.

Outro exemplo disso a atleta brasileira Marta , única atleta a receber o prêmio de melhor jogadora do mundo cinco vezes. O único atleta masculino a se aproximar desse feito é o argentino Lionel Messi, que conquistou 4 (quatro) vezes o prêmio e estampa constantemente capas e páginas de cadernos de esportes. Esses dois casos ilustram como tal invisibilidade é decorrente exclusivamente do gênero, e não tem qualquer relação com a grandeza de suas conquistas.

Essas conquistas da atacante Marta, a colocam como foco, de forma que 26% das reportagens analisadas eram sobre ela. Aqui desconsideramos ainda as reportagens que a colocam como inspiração de jogadoras mais novas, ou ainda quando é a sua ausência retratada como fator determinante no resultado da partida- ou seja, falamos de reportagens em que sua figura está em evidência. No entanto, a atenção recebida pela mídia é desproporcional aos seus feitos se considerados o total das reportagens sobre futebol, seja ele feminino ou masculino. Nas falas da atleta dentro das entrevistas

realizadas, é nítida sua percepção sobre como seus sucessos contribuem com a visibilidade do futebol feminino. No entanto, seus feitos, ainda que maiores que os dos atletas masculinos, não recebem a atenção equitativa devido a desigualdade de gênero no futebol.

Nas reportagens que a atacante Marta é protagonista vimos que suas conquistas são sempre medidas em relação a um parâmetro masculino, onde a jogadora é comparada a jogadores homens tais como Pelé, como ícone brasileiro e mundial de futebol; com o jogador Zico, famoso por sua habilidade como jogador e por não ter conseguido conquistar um mundial; com Ronaldo, mundialmente conhecido, por sua artilharia em copas, e até com o britânico David Beckham simplesmente por esse atleta masculino também ter atuado na liga norte americana. Essa problematização vai de encontro com a argumentação de Barbosa (2013, p.83) : “os homens são o padrão para as diferenças e as mulheres são sempre medidas em relação a sua correspondência com eles.”

Nas reportagens levantadas, quando presentes as falas das atletas brasileiras, identificamos que o pouco financiamento ao futebol feminino como a principal reclamação. As jogadoras aproveitam a pouca atenção da mídia - quando a recebem, em geral após alguma conquista expressiva, para manifestar as dificuldades e limites do esporte decorrente dessa falta de financiamento.

O alto desempenho de algumas atletas internacionais, por muitas vezes, enfrentam formas de preconceitos com base em gênero, mas renovadas em um biologicismo extremado, como ocorreu na liga africana que obrigou três atletas da Guine Equatorial a tirarem as roupas para provarem serem mulheres. Na Coréia do Sul a jogadora Park Eun Seon também foi contestada, tendo como principal suspeita a sua estatura, por ser considerada muito alta para uma mulher. As seleções da Inglaterra e Alemanha, que estão entre as consideradas melhores do mundo, enviam laudos contendo os exames ginecológicos de suas jogadoras. Esses fatos mostram que boas jogadoras que não correspondem ao estereotipo feminino de gênero, possuem a sua própria biologia contestada, mostrando assim que o bom rendimento físico seria algo visto como exclusivo aos homens

Durante a análise das reportagens da categoria de futebol feminino internacional, pudemos identificar que o futebol tem uma importância as mulheres mulçumanas. Este

desporto, assume neste contexto o papel de espaço de resistência, já que a prática de esportes foram proibidas as mulheres até o ano de 2003 por grupos extremistas, que governavam a região.

Ainda sobre as atletas mulçumanas, as reportagens apresentam a problemática do uso do véu, que só foi autorizado pela FIFA em 2012. Problemática esta que remete ao ano de 2010 na França, onde o governo por meio de um projeto de Lei, proibiu o uso da burca (vestimenta islâmica comum no Afeganistão e Paquistão) e do nicab (mais comum na Península Árabe) em vias públicas, em lugares abertos ao público e nos locais destinados ao serviço público.

Esses dois casos foram marcados como que define Mayorga (2013, p. 402): “pela conhecida prática eurocêntrica, patriarcal e colonial de considerar mulheres não ocidentais como objetos de discursos e práticas e não como sujeitos. [...] Um discurso sobre as mulheres e não das mulheres.”

A reflexão acerca da autonomia das mulheres árabes nesse aspecto tem que ser analisada, pois ao se proibir o uso das vestimentas islâmicas neste espaço, não se está excluindo a presença religiosa do espaço, mas na verdade está se excluindo a participação das mulheres mulçumanas.

Na contramão da conquista das atletas mulçumanas, vemos que a atenção ao futebol feminino muitas vezes acontece colocando em evidência o corpo feminino em uma perspectiva patriarcal. As jogadoras passam a receber mais atenção da mídia por possuírem uma aparência desejável pelos homens. Assim o foco das reportagens passa a ser o consumo dos corpos femininos pelos homens em detrimento do esporte. Nesse aspecto , vemos isto mais frequentemente no âmbito do futebol feminino internacional, pois só uma jogadora brasileira entrou para o ranking de “ belas da copa” desses jornais, mostrando que as atletas brasileiras não se encaixam no padrão de beleza vigente. Consolidando o que afirma Ferreti & Coll (2011) :

A prática do futebol pelas mulheres não fez com que ocorressem mudanças na hierarquia de gênero ou de raça, a hierarquia permanece, sob novas formas, assim os discursos sobre o futebol feminino se alteram, mas não para liberta-las e sim para a manutenção da desigualdade.

Essa erotização também é muito recorrente quando se fala das torcedoras, onde seus corpos são colocados mais uma vez como consumo, seja nos estádios, nos bares, ou nas ruas. Mas no caso das torcedoras outro fator também surge como mais uma forma de depreciação, que seria acerca dos seus verdadeiros interesses no futebol. Em várias reportagens mostram as torcedoras preocupadas exclusivamente com a sua aparência para ir ao estádio, pouco se importando ou entendendo com os jogos. O status de indivíduo capaz de gostos e vontades próprios não está sempre disponível as mulheres na mídia brasileira.

As razões das mulheres para se evolverem e estarem presentes nos espaços da vida social, em especial aqueles compostos tradicionalmente por homens, nunca são vistas como genuínas, mas sempre vinculadas aos homens. Onde as mulheres frequentam o estádio para aparecer, acompanhar seus esposos/namorados, para procurar possíveis parceiros, etc. Não se reconhece por princípio a capacidade das mulheres de apreciar o futebol pelo gosto pelo esporte. O mesmo acontece a mulheres em outras áreas, um dos exemplos mais recentes é o dos jogos online onde as gamers²⁴, enfrentam uma forte onda de preconceito, que vão de assédios a ameaças de violência sexual por seu bom desempenho, tendo muitas desistindo do jogo por medo (O TEMPO, 2015). Com a inclusão das seleções femininas no jogo FIFA 16²⁵ aumentaram as discussões acerca da representatividade de gênero nos jogos online e no próprio futebol.

Os dados também mostram que nem o fato de representarem uma profissional envolvida no futebol é suficiente para se reconhecer a autonomia feminina ou exime as mulheres que atuam na arbitragem do preconceito quanto a sua capacidade de percepção de jogo, tendo seus atributos físicos sendo mais valorizados que sua capacitação profissional, as vezes deixando os gramados sob ofensas machistas voltadas ao gênero. Como afirma Viana (2012):

Bem diferente da experiência como jogadora, eu tinha medo de apitar, pois ao jogar o erro poderia ser tanto coletivo quanto individual, ao passo que ao arbitrar o erro era individual e, logo, relacionado ao gênero. De modo ainda mais intenso que nos jogos, os insultos delimitavam que a posição de árbitra não deveria ser ocupada por uma mulher. Quando eu errava uma sinalização,

²⁴ É uma palavra usada para definir uma pessoa que joga assiduamente vídeo game.

²⁵ é um jogo de simulação de futebol lançado pela EA Sports para Microsoft Windows, Playstation 3, Playstation 4, Xbox 360, Xbox One, Android e IOS no dia 22 de setembro de 2015.

uma cobrança de lateral ou escanteio, escutava algumas pessoas dizendo: “vai lavar roupa, vai limpar a casa que você ganha mais”. O erro do árbitro é sempre ligado à falta de competência e quando ele comete os mesmos erros, as frases ditas pela torcida são outras: “Ô juiz, vai ler o livro de regras que você ganha mais. Se você não sabe apitar, não apita!

A análise de dados também demonstrou que as mulheres são frequentemente retratadas como prêmios, no que tange os jogadores de futebol masculino. Onde são explorados novamente seus corpos, como mais uma conquista desse universo esportivo. Várias reportagens levantadas remetem exclusivamente aos relacionamentos dos jogadores masculinos.

Há um reconhecimento generalizado de que as famílias são sempre incentivos para as carreiras dos jogadores homens. Os jogadores se sentem motivados ao bom desempenho diante da possibilidade de homenagear suas famílias em jogos bem sucedidos²⁶. No caso das mulheres, no entanto, as famílias, em especial os filhos, podem representar empecilhos ou obstáculos para sua continuidade ou bom desempenho no esporte. Quando as atletas são mães, as reportagens assumem um tom de que apesar disso (da família e filhos) elas foram bem sucedidas. Ressaltando o reconhecimento da mulher no âmbito privado, conforme coloca Goellner (2003, p.117):

(...) dentro dos padrões idealizados para um e outro sexo, o trabalho feminino, apesar de algumas vezes ser incentivado, não representa uma possibilidade de emancipação individual e social das mulheres. Nem mesmo a desobriga das rotineiras atividades que realiza no espaço íntimo do lar e da família.

Esta pesquisa pautou-se por uma perspectiva mais ampla de gênero e incluiu reportagens sobre sexualidade. Neste contexto a análise de dados proporcionou a recuperação do registro midiático sobre o tabu que a sexualidade ainda é dentro do

²⁶ Sendo a mais memorável a comemoração de Bebeto após o gol na Copa do Mundo de 1994, competição que culminou no Tetracampeonato a seleção brasileira, na qual jogava os braços de um lado para o outro como se estivesse balançando um bebê, representando seu filho Matheus que nasceu durante aquela competição.

futebol, onde 8% das reportagens analisadas falam sobre atos homofóbicos dentro do futebol.

Segundo os dados analisados, na história do futebol brasileiro só há um jogador assumidamente gay. Este jogador atua por um time de pouca expressão nacional do interior de São Paulo, e nas reportagens, ele coloca que não sofre preconceitos por ser gay. Entretanto, jogadores de grandes equipes paulistas, mesmo declarando serem heterossexuais, sofreram seguidos atos de homofobia. O primeiro, foi o caso da abertura de um processo judicial, por um jogador do time São Paulo Futebol Clube Richarlyson, que entrou com uma ação de Injúria contra o então dirigente do clube Sociedade Esportiva Palmeiras José Cyrillo Jr. O acusado durante um programa de televisão teria insinuado que Richarlyson era homossexual. Na sentença expelida pelo juiz da 9ª Vara Criminal de São Paulo, Manoel Maximiano Junqueira Filho que arquivou o caso, vemos uma constatação da homofobia e machismo por parte do juiz, postura que tradicionalmente coexiste dentro do futebol.

Já no começo da sentença o juiz demonstra seu cunho homofóbico ao afirmar que o jogador “se fosse homossexual poderia admiti-lo, ou até omitir, ou silenciar a respeito. Nesta hipótese, porém, melhor seria que abandonasse os gramados...” (São Paulo, 2007). Vemos aqui a imposição de uma restrição a participação baseada na sexualidade, um dos aspectos que caracterizam a homofobia. Aqui encararemos homofobia como define Borrilo (2001, p.36 apud Almeida 2012, p. 304) :

[...] hostilidade geral, psicológica e social, com respeito àqueles e àquelas de quem se supõem que deseja a indivíduos de seu próprio sexo ou tenham práticas sexuais com eles. Forma específica do sexismo, a homofobia rechaça também a todos que não se conformam com o papel determinado pelo seu sexo biológico. Construção ideológica consistente na promoção da forma de sexualidade (hetero) em detrimento de outra (homo), a homofobia organiza uma hierarquização das sexualidades e extrai delas consequências políticas

O juiz afirma ainda que se os homossexuais quiserem atuar no futebol que criem sua própria liga (São Paulo, 2007). Essa restrição provoca uma marginalização dos homossexuais dentro do futebol, por não poderem ter o livre acesso ao desporto.

Vemos aqui a perpetuação de que os comportamentos de gênero que resistam aos papéis sociais esperados como algo que deva ser suprimido, silenciado e

marginalizado. Onde aqueles que não correspondem aos padrões masculino e heteronormativo, é quem deve se retirar do futebol.

Dentro dessa sentença o juiz afirma que o futebol é um espaço viril, varonil que são características frequentemente associadas a um ideal de masculinidade, e não homossexual, compreendesse assim que por essa vertente esse juiz associa erroneamente homossexualidade com feminilidade e rejeita o gênero e sexualidade distintos do masculino no esporte. Assim, discrimina não apenas os gays, mas também as mulheres.

Por apelo de grupos LGBT's, esse juiz foi afastado, e punido por tal sentença homofóbica, mas isto não é o mesmo que afirmar que tal pensamento também está sendo punido dentro do futebol conforme afirma Almeida e Silva (2014) :

[...] percebe-se que o futebol é um reduto importante ao preconceito aos homossexuais. O avanço na sociedade de respeito às diferenças demonstra o caráter masculinizado desta modalidade, quanto mais a sociedade se constrói no respeito ao diferente, mais nítido fica a discrepância do aceite ao homossexual no futebol.

O futebol permanece inalterado em sua concepção de que este é um espaço masculinizado e portanto incompatível aqueles que se distinguem deste ideal.

Outro jogador heterossexual que por uma conduta tida como gay, foi dispensado do clube que atuava, foi o jogador Emerson, na época em que atuava pelo Sport Clube Corinthians Paulista. Ao postar uma foto dando um beijo em um amigo, Emerson sofreu várias ofensas de cunho homofóbico, sendo que este mesmo jogador já tinha se envolvido em uma polêmica meses antes ao protagonizar um beijo triplo com duas modelos. O caso com as modelos não afetou sua vida profissional.

No futebol internacional, há um jogador da Grã-Bretanha que assumiu ser gay ainda durante sua carreira em uma grande liga. Esta revelação gerou polemicas no mundo todo acerca do uso dos vestiários por atletas gays, pois ao ser o vestiário comum aos jogadores do time, a presença de gays no espaço foi questionada. O jogador em questão, logo após se assumir como homossexual, anunciou sua aposentadoria prematura.

Na arbitragem, temos no Brasil, uma profissional de arbitragem transexual. Na reportagem levantada vemos que o preconceito contra as mulheres no futebol é tão grande, que no exercício profissional, essa transexual sofre preconceito mesmo de outras mulheres transexuais pois para elas futebol “é coisa de homem”. Aqui vemos conforme coloca Rosa (2014) que as pessoas oprimidas por estarem inseridas em uma realidade opressora onde seu pensar e agir estão condicionados pela estrutura concreta de opressão, acabam reproduzindo a lógica dos opressores.

Por fim, os dados mostram a recorrência de violência contra a mulher praticadas por jogadores do futebol masculino. Estas reportagens abarcam 3% do nosso objeto de estudo. O caso mais notório, foi o caso envolvendo a Elisa Samudio e o goleiro Bruno, como descreveu DINIZ (2010):

Elisa Samudio está morta. Ela foi sequestrada, torturada e assassinada. Seu corpo foi esquartejado para servir de alimento para uma matilha de cães famintos. A polícia ainda procura vestígios de sangue no sítio em que ela foi morta ou pistas do que restou do seu corpo para fechar esse enredo macabro. As investigações policiais indicam que os algozes de Eliza agiram a pedido de seu ex-namorado, o goleiro do Flamengo, Bruno. Ele nega ter encomendado o crime, mas a confissão veio de um adolescente que teria participado do sequestro de Eliza. Desde então, de herói e "patrimônio do Flamengo", nas palavras de seu ex-advogado, Bruno tornou-se um ser abjeto. Ele não é mais aclamado por uma multidão de torcedores gritando em uníssono o seu nome após uma partida de futebol. O urro agora é de "assassino.

Mas além desse caso, o goleiro Bruno já havia sido protagonista de outras denúncias de violência. Em uma festa no mesmo sítio onde Elisa foi vista pela última vez, o jogador Marcinho²⁷ foi denunciado por espancar uma prostituta. Em 2010 quando o jogador Adriano foi acusado de agredir sua noiva Joana Machado²⁸, os jogadores

²⁷ No dia 11 de Julho de 2008 foi veiculada a notícia na qual relatava que o então jogador do Flamengo, Marcinho, em uma festa no sítio do goleiro Bruno, havia agredido prostitutas que tinham sido contratadas para a festa. A reportagem traz falas dos jogadores envolvidos, do capitão do time, da diretoria e da delegada, não trazendo a fala das vítimas.

²⁸ No ano de 2010 o jogador Adriano foi acusado de agredir sua noiva em uma favela do Rio de Janeiro, a reportagem que narrava o caso, abordaram o fato de que Joana havia chegado irritada ao local e teria começado a bater no jogador e a destruir seu carro e que Adriano nega ter empurrado a noiva. Nas demais reportagens abordam a perspectiva de que o casal seguia junto e feliz.

Bruno e Vagner Love também foram citados. O atacante Jobson²⁹ e Kleber³⁰ também foram denunciados por agredirem em suas respectivas esposas.

Os jogadores Robinho³¹ e Marcelinho Paraíba³², já foram acusados de estupro. Nestes casos, ambos inocentados, a palavra da vítima foi altamente contestada durante as reportagens e as acusações logo esquecidas. Já o jogador Mancini³³, que foi condenado por estupro na Itália, as reportagens ressaltam que ele alega inocência.

Esses fatos mostram uma recorrência da violência contra a mulher dentro do mundo dos jogadores de futebol, e o silêncio nas reportagens também mostram a naturalização do machismo nesse mundo. Não houveram reportagens nas mídias impressas analisadas quando durante as preparações da Copa de 2010, o jogador Felipe Melo (2010) fez a afirmação de que “A bola é horrível. Difícil crer em uma Copa do Mundo com uma bola dessa. A outra bola é igual mulher de malandro, você chuta, ela está ali, legal, beleza. Essa é igual a Patricinha, não quer ser chutada nunca.”

Essa declaração não apenas reflete o conforto com situações machistas, mas naturaliza a violência contra a mulher. A violência contra a mulher é assim banalizada, conforme afirma Carneiro (2012, p. 371):

Vive-se em um mundo violento imerso em uma cultura de banalização da violência, a qual ao longo dos tempos, é praticada diariamente contra a mulher [...] a violência de gênero é passada de geração para geração, configurando modelos patriarcais de família, onde o homem detém o poder sobre a mulher, dominando-a e oprimindo-a.

²⁹ Na reportagem que fala do caso, se dá mais ênfase ao fato do jogador ter chegado ao hospital com um corte no braço, e por fim traz que a mulher do atacante do São Caetano o acusava de tê-la agredido. Não faz uma ligação entre os fatos, e traz somente o que foi falado pelos policiais.

³⁰ A notícia divulgada acerca desta agressão traz somente as falas da delegada do caso que narra a agressão após uma discussão e que a vítima alegaria não ser a primeira vez. A diretoria do Grêmio, também ouvida na notícia, alegou que seria assunto de ordem pessoal e não influenciaria a vida profissional do jogador.

³¹ A notícia desse fato foi somente a da inocência do jogador, que teria sido acusado de estuprar uma estudante de 18 anos em uma boate na Inglaterra. Durante a notícia só foi ouvido o assessor de imprensa do jogador, ressaltando que este sempre alegou inocência. A notícia termina com informações sobre a carreira do jogador.

³² A notícia do caso traz as informações de que o jogador teria tentado beijar a força a irmã do delegado que formulou a acusação. Durante a notícia teriam mais informações sobre a carreira do jogador do que o caso concreto, e a única pessoa a ser ouvida foi o advogado do jogador.

³³ Neste caso, a notícia divulgada foi somente a da condenação de 2 anos e 8 meses de prisão do jogador do Atlético Mineiro, pelo estupro de uma modelo brasileira na Itália. O jogador teria violentado a modelo enquanto esta estaria inconsciente. Um amigo do jogador teria sido condenado a 10 meses de prisão por tentar persuadir a vítima a retirar a denúncia.

Outro caso, que novamente envolve o goleiro Bruno, que após a confusão do jogador Adriano e a sua noiva na época, Joana Machado, declarou: “ Quem nunca saiu na mão com uma mulher?”, após a repercussão negativa, ele veio a público, pedir desculpas, e nenhum dos episódios foi noticiado na mídia impressa.

Mesa Redonda : Balanço da Partida

Neste trabalho buscamos através da análise do discurso da mídia impressa sobre do futebol feminino, problematizar a exclusão das mulheres no futebol considerando que o futebol além de ser o esporte mais praticado e mais assistido no Brasil, também se caracteriza como um espaço político, e como tal a universalidade de participação deve ser central.

Ao analisar esse elemento político do futebol, levamos em consideração que este está inserido na sociedade, e reflete os costumes desta. O futebol representa um dos setores mais ligado ao tradicionalismo patriarcal, sendo pensado pelos e para os homens, que são idolatrados nas figuras poderosas atribuídas aos jogadores. Enquanto as mulheres dentro do esporte são infantilizadas ou sempre ressaltando o fato de serem mulheres, seja ignorando a capacidade ou habilidade da mulher de saber sobre futebol, ou avaliando questões estéticas em detrimento da tática, ou a julgar que seus erros dentro do esporte tem relação com seu gênero. Perpetuando o esporte como um espaço de afirmação da masculinidade.

Ao se propor analisar a questão de gênero dentro deste espaço, nos deparamos com inúmeros obstáculos que esta questão ainda encontra, o futebol feminino raramente recebe atenção midiática, ou é tratado como um esporte profissional. Os momentos de visibilidade da prática feminina do futebol, são majoritariamente ligados a momentos dentro de competições multiesportivas internacionais sendo invisibilizados frente a grandes eventos do futebol masculino.

Durante o trabalho, verificamos que as mulheres mesmo alcançando resultados exitosos iguais ou superiores ao de atletas masculinos, não ascendem ao posto de especialistas que comentam e analisam as partidas de futebol dentro da mídia especializada— mesmo quando se trata do futebol feminino.

O aumento das atividades femininas dentro do futebol permitiu que as mulheres pudessem ter diferentes funções dentro do esporte, além de jogadoras, as mulheres são arbitras, torcedoras, técnicas e dirigentes. Embora as conquistas estejam aumentando, a presença feminina dentro do esporte continua a ser questionada, quanto a sua legitimidade, provocando uma redução da autonomia feminina dentro do desporto.

O debate de gênero dentro do futebol ainda representa um tabu a ser quebrado, uma vez que o sexismo e a homofobia ainda estão arraigados. Como um reflexo dessa

estrutura excludente, temos que as duas próximas Copas do Mundo Fifa de Futebol Masculino, acontecerão na Rússia e Qatar , dois países com leis severas anti-LGBT's .

Esse trabalho aponta para um silenciamento da mídia impressa em relação ao futebol feminino, tendo este um espaço ínfimo em relação ao futebol masculino dentro dos cadernos esportivos. E quando por exceção aborda essa modalidade, acaba por não focar o esporte propriamente dito. Esse silenciamento se estende, e se intensifica, ao abordar a violência contra a mulher praticada por atletas de futebol homens.

Esse trabalho contribui para o debate da inserção e visibilidade das mulheres no futebol ao pontuar a disparidade numérica de representação midiática que o futebol feminino tem.

Concluimos que problematizar as relações de gênero presentes neste desporto, não se limita a inclusão das mulheres no futebol mas a resignificação do esporte como um espaço que proporciona uma equidade de oportunidades entre homens e mulheres, não perpetuando os conceitos patriarcais.

Ficha de Jogo: Referencias Bibliográficas

ALMEIDA, M. A. B. ; SILVA, A. . O futebol no Banco dos réus. Revista SÍNTESE Direito Desportivo, v. 3, p. 68-82, 2014.

ANTUNES, Fatima Martin Rodrigues Ferreira. *Futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues*. São Paulo: UNESP, 2004.

AMORÓS, Célia. Tiempo de feminismo. Sobre feminismo, proyecto ilustrado y postmodernidad. Madrid, Ediciones Cátedra, 1997.

BARBOSA, Livia. Convenção sobre os direitos das pessoas com deficiência e justiça: novos contornos das necessidades humanas para a proteção social dos países signatários. 2013. 170 f. Tese (Doutorado em Política Social)—Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

BRASIL. CONTROLADORIA GERAL DA UNIÃO. (Org.). Portal da Transparencia: copa 2014. 2014. Disponível em: <<http://www.portaltransparencia.gov.br/copa2014/empreendimentos/tema.seam?tema=6>>. Acesso em: 08 jul. 2014.

BRASIL. Decreto-lei no 3.199 de 14 de abril de 1941. Estabelece as bases de organização dos desportos em todo país. Constituição Federal. Brasília, art. 180.

BRASIL. Deliberação CND 01/83 de 11 de abril de 1983. Dispõe sobre normas básicas para a prática de futebol por mulheres. Diário Oficial, Brasília, p.5794.

BORGES, Luiz Henrique de Azevedo. Do complexo de vira-latas ao homem genial: o futebol como elemento constitutivo da identidade brasileira nas crônicas de Nelson Rodrigues, João Saldanha e Armando Nogueira. 2006. 174 f. Dissertação (Mestrado em História)-Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

CAIXA ECONOMICA FEDERAL. Relatório de Sustentabilidade 2013. Brasília, 2013.

CALDAS, Waldenir. O futebol no país do futebol. Lua Nova, São Paulo , v. 3, n. 2, dez. 1986 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64451986000300005&lng=pt&nrm=iso>. acessos

em 02 abr. 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-64451986000300005>.

CARLOTO, Cássia Maria; GOMES, Anne Grace. Geração de renda: enfoque nas mulheres pobres e divisão sexual do trabalho. *Serv. Soc. Soc.*, São Paulo , n. 105, p. 131-146, mar. 2011 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-66282011000100008&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 29 set. 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-66282011000100008>.

CARNEIRO, Alessandra Acosta; FRAGA, Cristina Kologeski. A Lei Maria da Penha e a proteção legal à mulher vítima em São Borja no Rio Grande do Sul: da violência denunciada à violência silenciada. *Serv. Soc. Soc.*, São Paulo , n. 110, p. 369-397, jun. 2012 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-66282012000200008&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 29 set. 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-66282012000200008>.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL (Brasil). Conselho Nacional de Desportos. **RELAÇÃO DE ÁRBITROS**. 2014. Disponível em: <<http://www.cbf.com.br/arbitragem/relacao-de-arbitros#.U76NqhadKT4>>. Acesso em: 08 jul. 2014.

Confederação brasileira de Futebol. **Ranking Nacional de Futebol: futebol feminino**. Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <http://cdn.cbf.com.br/content/201412/20141219154708_0.pdf>. Acesso em: 29 set. 2015.

CORREA, Alessandra Morgado Horta et al . Soldadinhos-de-chumbo e bonecas: representações sociais do masculino e feminino em jornais de empresas. *Rev. adm. contemp.*, Curitiba , v. 11, n. 2, p. 191-211, jun. 2007 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-65552007000200011&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 28 abr. 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S1415-65552007000200011>

CRESWELL, John W.. Projeto de pesquisa: métodos qualitativos, quantitativos e misto. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010. 296 p. Tradução: Magda lopes.

DAMO, Arlei Sander. *Do dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França*. São Paulo: Hucitec, 2007.

_____. *Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002, p.28.

DAMATTA, R. Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro. In: _____. (Org.). *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

DARIDO, Suraya. Futebol Feminino no Brasil: Do seu Início à Prática Pedagógica. *Revista Motriz*, Rio Claro, v. 8, n. 2, p. 3-15, 2002.

DATAFOLHA (Brasil). Instituto de Pesquisa (Org.). Time de preferência / Mundial da Fifa: PO813654. 2012. Disponível em: <http://media.folha.uol.com.br/datafolha/2013/05/02/time_preferencia_mundial_fifa_14122012.pdf>. Acesso em: 08 jul. 2014.

DINIZ, Debora . Patriarcado da Violência. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, p. 5 - 5, 10 jul. 2010.

FERREIRA, F. C. B. Dialogues on using the veil (hijab): empowerment, identity and religiosity. *Perspectivas*, São Paulo, v.43, p.183-198, jan./jun. 2013.

FERRETTI, Marco Antônio de Carvalho et al . O futebol feminino nos Jogos Olímpicos de Pequim. *Motriz: rev. educ. fis.* (Online), Rio Claro , v. 17, n. 1, p. 117-127, mar. 2011 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1980-65742011000100013&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 29 ago. 2015. <http://dx.doi.org/10.5016/1980-6574.2011v17n1p117>.

FLUSSER, Vilém. “Alienação”. In: *Fenomenologia do brasileiro: em busca de um novo homem*. Rio de Janeiro: UERJ, 1998.

FONTES, Malu. Das ruas as manchetes: o enquadramento das violencia homofobica. In: DINIZ, Debora; OLIVEIRA, Rosana Medeiros de (Org.). Notícias de homofobia no Brasil. Brasilia: Letraslivres, 2014. Cap. 2. p. 21-56.

GIULIANOTTI, Richard. *Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões*. São Paulo: Nova Alexandria, 2002, p. 42.

GOELLNER, Silvana. Gênero, Educação Física e esportes: do que falamos quando em gênero falamos? In: VOTRE, Sebastião; MOURÃO, Ludmila (Orgs.). Imaginário & representações sociais em Educação Física, esporte e lazer. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 2001.

_____. Bela Maternal e feminina: imagens da mulher na revista Educação Física. Ijuí: Ed.Unijui, 2003. coleção educação física.

_____. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v.19, n. 2, p.143-51, abr./jun. 2005.

KNIJNIK, Jorge (Org). *Gênero e Esporte: Masculinidade e Feminilidade*. São Paulo: Apicuri, 2010.

_____. *Femininos e masculinos no futebol brasileiro*. São Paulo, 2006. 475 p. Tese (Doutorado em Psicologia). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. KUNZ, Elenor. Apresentação. In: *Didática da Educação Física 3: futebol*. Ijuí: Editora Ijuí, 2005.

MATOS, Marlise; PARADIS, Clarisse Goulart. Desafios à despatriarcalização do Estado brasileiro. *Cad. Pagu, Campinas*, n. 43, p. 57-118, dez. 2014. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332014000200057&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 22 ago. 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/0104-8333201400430057>.

MAYORGA, Claudia. Quem decide sobre o uso da burka?. *Rev. Estud. Fem., Florianópolis*, v. 21, n. 1, p. 402-404, Apr. 2013. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-

026X2013000100022&lng=en&nrm=iso>. access

on 11 Aug. 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2013000100022>.

MAXIMO, João. Memórias do futebol brasileiro. *Estud. av.* [online]. 1999, vol.13, n.37, pp. 179-188. ISSN 0103-4014.

MOURA, Eriberto. As relações entre lazer, futebol e gênero. 2003.112 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física)- Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

O TEMPO. Belo Horizonte, 22 mar. 2015. Disponível em: <<http://www.otempo.com.br/interessa/preconceito-invade-jogos-online-1.1012988>>.

Acesso em: 25 ago. 2015.

PATERMAN, Carole. O contrato sexual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993. 347 p. Tradução: Marta Avancini.

RODRIGUES, Francisco Xavier Freire. **O fim do passe e a modernização conservadora no futebol brasileiro (2001-2006)**. 2007. 345 f. Tese (Doutorado) - Curso de Sociologia, Ufrgs, Porto Alegre, 2007. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/11434/000611188.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 25 ago. 2015.

ROSA, G. LIBERTAR-SE A SI E AOS OPRESSORES: A TAREFA HUMANISTA DOS OPRIMIDOS. *Ágora* (URI. Cerro Grande) , v. 19, p. 106-110, 2014.

REIS, Heloisa Helena Baldy dos. O espetáculo futebolístico e o Estatuto de Defesa do Torcedor. *Rev. Bras. Ciênc. Esporte* (Impr.), Porto Alegre , v. 31, n. 3, p. 111-130, maio 2010. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32892010000300008&lng=pt&nrm=iso>. acessos

em 29 abr. 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-32892010000300008>.

SALDANHA, João. “Futebol e zona do agrião”. In: MILLIET, Raul (org.). *Vida que segue: João Saldanha e as copas de 1966 e 1970*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006, p. 264.

SANTOS, Doiara Silva dos and MEDEIROS, Ana Gabriela Alves. O futebol feminino no discurso televisivo. *Rev. Bras. Ciênc. Esporte* [online]. 2012, vol.34, n.1, pp. 185-196. ISSN 0101-3289. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-32892012000100013>.

SÃO PAULO. 9ª Vara Criminal Central de São Paulo. Decisão nº 936. Conclusão. São Paulo.

SILVA, G. C. . Futebol feminino: proibido para quem? Uma análise de duas reportagens sobre o futebol praticado por mulheres no período anterior a sua regulamentação como esporte.. In: *Fazendo Gênero 10: Desafios Atuais dos Feminismos*, 2013, Florianópolis. *Anais do Fazendo Gênero 10: Desafios Atuais dos Feminismos*, 2013.

SUGIMOTO, Luiz. Universidade Estadual de Campinas / Assessoria de Imprensa. *Eva Futebol Clube*, Campinas: 2003

VIANA, Aline Edwiges dos Santos. *AS RELAÇÕES DE GÊNERO EM UMA ESCOLA DE FUTEBOL: QUANDO O JOGO É POSSÍVEL?* 2012. 139 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação Física, Unicamp, Campinas, 2012.

ANEXO A – RANKING NACIONAL DOS CLUBES DE FUTEBOL FEMININO



CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL

RNC/FF - RANKING NACIONAL DOS CLUBES 2015

Pos.	Clube	Fed.	Pontos	Dif.	Pos.	Clube	Fed.	Pontos	Dif.
1	São José	SP	12.560	-	43	São Raimundo	RR	700	0
2	Vitória PE	PE	11.768	-792	43	União	AL	700	0
3	São Francisco	BA	11.056	-712	48	América	RN	600	-100
4	Kindermann	SC	9.984	-1072	48	Atlético	RR	600	0
5	ADECO	SP	9.440	-544	48	Baré	RR	600	0
6	Foz Cataratas	PR	8.420	-1020	48	Iguaçu	MG	600	0
7	Duque de Caxias	RJ	8.412	-8	48	Oratório	AP	600	0
8	Irlanduba	AM	7.680	-732	53	Capital	DF	500	-100
9	Vasco da Gama	RJ	7.656	-24	53	Espigão	RO	500	0
10	Caucaia	CE	7.488	-168	53	Estrela Real	TO	500	0
11	Ferrovária	SP	7.000	-488	53	Genus	RO	500	0
12	Viana	MA	6.692	-308	53	Monamy	RN	500	0
13	Pinheirense	PA	6.200	-492	53	Santana	AP	500	0
14	Tuna Luso	PA	4.912	-1288	53	Santos	RO	500	0
15	Sport Recife	PE	4.760	-152	60	Foz do Iguaçu	PR	480	-20
16	Rio Preto	SP	4.140	-620	61	ADEC	AP	400	-80
17	Portuguesa	SP	3.360	-780	61	Atletas de Jesus	GO	400	0
18	Botafogo	PB	3.288	-72	61	Boca Júnior	SE	400	0
19	Tiradentes	PI	2.944	-344	61	Cruzeiro	RS	400	0
20	Bahia	BA	2.940	-4	61	Kashima	PB	400	0
21	Mixto	MT	2.910	-30	61	Nacional	MG	400	0
22	ESMAC	PA	2.800	-110	61	Novo Mundo	PR	400	0
22	Botafogo	RJ	2.800	0	61	São Raimundo	AM	400	0
24	Francana	SP	2.528	-272	69	Campo Grande	MS	300	-100
25	ASCOOP	DF	2.524	-4	69	Flamengo	PI	300	0
26	Chapecoense	SC	2.520	-4	69	Flores da Cunha	RS	300	0
27	Náutico	PE	2.280	-240	72	Atenas	TO	200	-100
28	Picos	PI	2.250	-30	72	Botucatu	SP	200	0
29	Avaí	SC	2.200	-50	72	Canindé	SE	200	0
30	Aliança	GO	2.056	-144	72	Canoas	RS	200	0
31	Internacional	MA	1.700	-356	72	Colatina	ES	200	0
32	Clube Jaó	GO	1.200	-500	72	Flamengo	RS	200	0
32	Comercial	ES	1.200	0	78	ECA	AL	100	-100
32	Comercial	MS	1.200	0	78	Flapalmas	TO	100	0
32	Santos	SP	1.200	0	78	Fortaleza	CE	100	0
36	Atlético	MG	1.100	-100	78	Gepol	RS	100	0
37	CRESPOM	DF	1.000	-100	78	Guaíba	RS	100	0
37	Força e Luz	RN	1.000	0	78	Parnamirim	RN	100	0
37	Neves	MG	1.000	0	78	Vila Nova	ES	100	0
37	Serra	MT	1.000	0	78	Volta Redonda	RJ	100	0
37	Assermurb	AC	1.000	0	85	Total de Clubes			
42	Atlântico	RS	800	-200					
43	Amazônia	AC	700	-100					
43	CESMAC	AL	700	0					
43	Intercap	TO	700	0					

Revisado e atualizado em 09/12/14

Pág: 1/1

ANEXO B- RANKING NACIONAL DE CLUBES DE FUTEBOL MASCULINO



CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL

RNC - RANKING NACIONAL DOS CLUBES 2015

Pos.	Clube	Fed.	Pontos	Dif.	Pos.	Clube	Fed.	Pontos	Dif.
1	Cruzeiro	MG	15.328	-	46	Oeste	SP	2.915	97
2	Corinthians	SP	14.680	648	47	CRB	AL	2.792	123
3	Flamengo	RJ	14.578	102	48	Vila Nova	GO	2.718	74
4	Grêmio	RS	13.992	586	49	Salgueiro	PE	2.672	46
5	Santos	SP	13.530	462	50	Betim	MG	2.663	9
6	Atlético	MG	13.224	306	51	Caxias	RS	2.374	289
7	São Paulo	SP	12.738	486	52	Macaé	RJ	2.324	50
8	Fluminense	RJ	12.708	30	53	Treze	PB	2.227	97
9	Internacional	RS	12.628	80	54	Duque de Caxias	RJ	2.217	10
10	Atlético	PR	12.524	104	55	Brasiliense	DF	2.206	11
11	Botafogo	RJ	12.332	192	56	Cuiabá	MT	2.094	112
12	Vasco	RJ	12.132	200	57	Águia de Marabá	PA	2.026	68
13	Palmeiras	SP	11.584	548	58	Madureira	RJ	1.978	48
14	Coritiba	PR	11.036	548	59	Tupi	MG	1.909	69
15	Goiás	GO	10.525	511	60	Juventude	RS	1.722	187
16	Bahia	BA	9.300	1225	61	CRAC	GO	1.638	84
17	Vitória	BA	8.441	859	62	Santo André	SP	1.624	14
18	Ponte Preta	SP	7.440	1001	63	Nacional	AM	1.604	20
19	Ceará	CE	7.040	400	64	Rio Branco	AC	1.597	7
20	Sport	PE	6.970	70	65	Botafogo	PB	1.470	127
21	Figueirense	SC	6.898	72	66	Mogi Mirim	SP	1.448	22
22	Atlético	GO	6.628	270	67	Remo	PA	1.180	268
23	ABC	RN	6.516	112	68	Londrina	PR	1.161	19
24	Portuguesa	SP	6.497	19	68	Guarany	CE	1.161	0
25	Criciúma	SC	6.495	2	70	Campinense	PB	1.008	153
26	Náutico	PE	6.470	25	71	Santa Rita	AL	1.000	8
27	Avaí	SC	6.364	106	72	Brasil	RS	993	7
28	América	RN	5.792	572	73	Horizonte	CE	990	3
29	América	MG	5.322	470	74	Baraúnas	RN	912	78
30	Chapecoense	SC	5.150	172	75	Metropolitano	SC	911	1
31	Paraná	PR	5.090	60	76	Vitória da Conquista	BA	822	89
32	Bragantino	SP	4.880	210	77	Mixto	MT	758	64
33	Joinville	SC	4.699	181	78	Villa Nova	MG	712	46
34	Paysandu	PA	4.324	375	79	CSA	AL	686	26
35	ASA	AL	4.120	204	80	Penarol	AM	675	11
36	Santa Cruz	PE	3.930	190	81	J. Malucelli	PR	654	21
37	Boa Esporte	MG	3.922	8	82	Confiança	SE	651	3
38	Luverdense	MT	3.642	280	83	Tombense	MG	625	26
39	Guarani	SP	3.631	11	84	Gurupi	TO	610	15
40	ICASA	CE	3.408	223	84	CENE	MS	610	0
41	Fortaleza	CE	3.296	112	86	Goianésia	GO	588	22
42	Sampaio Corrêa	MA	3.203	93	87	Central	PE	581	7
43	São Caetano	SP	3.106	97	88	Santos	AP	578	3
44	Barueri	SP	3.045	61	89	Resende	RJ	573	5
45	Guaratinguetá	SP	3.012	33	90	Bahia de Feira	BA	535	38

Revisado e atualizado em 08/12/14

Pág: 1/3



CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL

RNC - RANKING NACIONAL DOS CLUBES 2015

Pos.	Clube	Fed.	Pontos	Dif.	Pos.	Clube	Fed.	Pontos	Dif.
91	Boavista	RJ	530	5	136	Operário	PR	320	4
92	Coruripe	AL	529	1	137	Operário	MT	315	5
93	Cianorte	PR	527	2	138	Cerâmica	RS	314	1
94	Princesa do Solimões	AM	525	2	139	Ituano	SP	310	4
95	Vilhena	RO	512	13	140	Pelotas	RS	306	4
96	Potiguar	RN	505	7	141	Águia Negra	MS	304	2
96	Comercial	PI	505	0	142	São Mateus	ES	302	2
98	Novo Hamburgo	RS	500	5	143	Bangu	RJ	300	2
99	Plácido de Castro	AC	497	3	143	São Domingos	SE	300	0
100	Araguaína	TO	494	3	145	Mirassol	SP	289	11
101	Marília	SP	493	1	146	Independente	PA	282	7
102	Náutico RR	RR	482	11	147	Tiradentes	CE	276	6
103	Naviraiense	MS	475	7	148	Marclio Dias	SC	271	5
104	Penapolense	SP	469	6	149	Cabofriense	RJ	270	1
105	Anapolina	GO	464	5	150	São Raimundo	PA	260	10
106	Atlético	AC	463	1	150	Estrela do Norte	ES	260	0
107	Genus	RO	459	4	152	Botafogo	SP	255	5
108	Aracruz	ES	457	2	152	Maringá	PR	255	0
109	Brasília	DF	443	14	152	Guarani	SC	255	0
110	Parnahyba	PI	441	2	152	Itaporã	MS	255	0
111	Maranhão	MA	429	12	152	River	PI	255	0
112	Ceilândia	DF	428	1	157	Itabaiana	SE	253	2
113	River Plate	SE	403	25	157	Sobradinho	DF	253	0
114	Aparecidense	GO	400	3	159	Caldense	MG	250	3
115	Porto	PE	387	13	160	Desportiva	ES	225	25
116	Sergipe	SE	381	6	161	Alecrim	RN	216	9
117	Interporto	TO	380	1	162	Guarani	CE	204	12
117	Luziânia	DF	380	0	162	Araxá	MG	204	0
119	Volta Redonda	RJ	379	1	162	Friburguense	RJ	204	0
120	Uberaba	MG	369	10	162	Juazeirense	BA	204	0
121	Santa Cruz	RN	366	3	162	Nova Iguaçu	RJ	204	0
122	Gama	DF	362	4	162	Ypiranga	AP	204	0
123	Ypiranga	PE	357	5	168	Brusque	SC	202	2
124	São Raimundo	RR	355	2	169	Real Noroeste	ES	200	2
125	Arapongas	PR	353	2	169	Fast Clube	AM	200	0
126	Trem	AP	352	1	171	Nacional	MG	183	17
127	Paulista	SP	350	2	172	Vila Aurora	MT	169	14
128	Paragominas	PA	349	1	173	Feirense	BA	159	10
129	Moto Club	MA	340	9	174	Rio Branco	ES	156	3
130	Jacuiense	BA	335	5	175	Iraty	PR	154	2
131	Lajeadense	RS	329	6	176	Concórdia	SC	153	1
132	Flamengo	PI	326	3	176	Guarani	MG	153	0
133	São Bernardo	SP	325	1	176	Petrolina	PE	153	0
133	Globo	RN	325	0	179	Cametá	PA	151	2
135	Sousa	PB	324	1	179	São José	RS	151	0

Revisado e atualizado em 08/12/14

Pág: 2/3



CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL

RNC - RANKING NACIONAL DOS CLUBES 2015

Pos.	Clube	Fed.	Pontos	Dif.	Pos.	Clube	Fed.	Pontos	Dif.
181	Aquidauanense	MS	150	1	222	Ivinhema	MS	50	0
181	Auto Esporte	PB	150	0	222	Juventus	AC	50	0
181	Espigão	RO	150	0	222	Picos	PI	50	0
181	Quatro de Julho	PI	150	0	222	Potyguar	RN	50	0
181	Real RR	RR	150	0	222	Tigres do Brasil	RJ	50	0
181	Santa Quitéria	MA	150	0	230	Total de Clubes			
181	Sapucaiene	RS	150	0					
181	Vitória	ES	150	0					
181	Ypiranga	RS	150	0					
190	Barbalha	CE	125	25					
190	Juazeiro	BA	125	0					
190	Lagarto	SE	125	0					
190	Rondonópolis	MT	125	0					
190	São Luiz	RS	125	0					
195	América	AM	116	9					
196	Itumbiara	GO	114	2					
197	Audax	RJ	106	8					
198	Bosque Formosa	DF	102	4					
198	Cruzeiro	RS	102	0					
198	Tocantinópolis	TO	102	0					
201	JV Lideral	MA	101	1					
202	São José	AP	100	1					
202	Votoraty	SP	100	0					
202	Ji-Paraná	RO	100	0					
202	Noroeste	SP	100	0					
202	Oratório	AP	100	0					
202	Veranópolis	RS	100	0					
202	Baré	RR	100	0					
202	Barras	PI	100	0					
202	Comercial	MS	100	0					
202	Corinthians	RN	100	0					
202	IAPE	MA	100	0					
202	Murici	AL	100	0					
202	Santa Helena	GO	100	0					
202	União	MT	100	0					
216	Fluminense de Feira	BA	59	41					
217	América	RJ	53	6					
218	Botafogo	DF	51	2					
218	Camaçari	BA	51	0					
218	Cristal	AP	51	0					
218	Náuas	AC	51	0					
222	Araguaia	MT	50	1					
222	ASSU	RN	50	0					
222	Atlético	RR	50	0					
222	Corinthians	AL	50	0					

Revisado e atualizado em 08.12.14

Pág: 3/3